

Con el apoyo de



COLECTIVO
LATINOAMERICANO
DE JÓVENES



**W.K. KELLOGG
FOUNDATION**

To help people help themselves



Juventude Rural e Projetos de Vida: o caso dos jovens de Maxaranguape/RN

Investigadora:

Nomes: Maria Divaneide (pesquisadora)

Sobrenomes: Basilio

Idade: 30

Sexo: Feminino

E-mail: diva_basilio@yahoo.com.br

Telefone: (84) 9124-3251 / (61) 9196-9470

País: Brasil

Pesquisadores auxiliares: Ilena Felipe Barros, Algéria Varela, Marcelange Tomaz Brito, Ailma Firmino e Denes Dantas Vieira.

Parceria: Universidade Federal do Piauí

Assessora do projeto: Lila Cristina Xavier Luz

SUMÁRIO:

| | |
|---|----|
| 1. Introdução..... | 4 |
| 1 – Problematizando o universo da juventude rural:..... | 9 |
| 2 – Juventude rural: desvendando as concepções teóricas | 11 |
| 3. Ser jovem no universo rural: discutindo o tema em Maxaranguape/RN..... | 18 |
| I – ASSENTAMENTO NOVA VIDA II: | 22 |
| II) ASSENTAMENTO NOVO HORIZONTE II:..... | 29 |
| III) ASSENTAMENTO SÃO JOÃO: | 33 |
| IV) COMUNIDADE DE SANTA ANA:..... | 37 |
| 4- Discussão..... | 41 |
| Conclusões..... | 43 |
| Referências bibliográficas | 46 |
| Anexos..... | 49 |

1. Introdução

Iniciar um trabalho de pesquisa supõe a escolha de um tema de estudo. Assim, o primeiro desafio encontrado diz respeito à opção por um tema ainda pouco discutido, especialmente quando se trata de reflexões sobre o Nordeste brasileiro.

Tal escolha é inerente a nossa trajetória de vida, tanto acadêmica, como profissional e militante. Para nós, o debate acerca da juventude não conseguiu atingir o espaço rural, ou incorporou de forma muito restrita essa singularidade juvenil.

Assim, questionamentos relativos às identidades múltiplas da juventude na contemporaneidade, são discussões conduzidas com base numa matriz urbana, em que “as tribos” juvenis são identificadas por características semelhantes. Essas questões nos inquietam e orientam nosso olhar no intuito de analisar a identidade rural e suas especificidades.

Desta forma, o desafio de entender como são percebidas as diversas identidades juvenis, fizeram-nos refletir sobre as singularidades da juventude rural, com o intuito de contribuir para o aprofundamento do conceito dessa categoria ou das contribuições conceituais existentes sobre juventude.

A definição pela temática juventude rural nessa pesquisa, deu-se a partir de estudos teóricos e de definições existentes sobre o tema, bem como da sistematização do seu significado, de acordo com o olhar dos jovens em Maxaranguape-RN. Essa reflexão acerca do olhar dos próprios jovens se deu inicialmente por meio de um contato estabelecido com o Centro de Educação e Assessoria Herbert de Souza, que coordenou, no município de Maxaranguape/RN, o trabalho formativo e de intervenção denominado Agenda 21. Trata-se de uma agenda de compromissos estabelecidos na Conferência das Nações Unidas para o Meio Ambiente e o Desenvolvimento, também denominada ECO 92.

Entretanto, em geral, as questões apontadas no referido diagnóstico sinalizam para um bloco geral de demandas no que concerne às políticas públicas, mas não apresentou reflexões sobre o modo de vida juvenil e sua relação com as políticas públicas. Tal fato, agregado a existência da atuação de vários atores, instigou-nos a elucidar que outras questões poderiam complementar os documentos existentes no intuito de ampliar um arcabouço teórico-conceitual sobre juventude rural.

Nesse sentido, esse trabalho de pesquisa busca discutir conceitualmente juventude rural, a partir do seu marco fundante – sua relação com a agricultura familiar, bem como acerca de seus processos organizacionais, dentre outras questões que contribuem para a formulação de políticas públicas específicas, como a subjetividade juvenil, compreendida a partir dos seus sonhos e desejos.

Assim, o objetivo geral dessa pesquisa é realizar um mapeamento sobre a juventude rural em Maxaranguape/RN a partir da identificação dos projetos de vida individuais e coletivos dos jovens do município.

Diante disso, apresentamos como objetivos específicos: Identificar as singularidades do tema juventude rural em Maxaranguape com o intuito de contribuir para o debate da juventude rural enquanto categoria de estudo, analisando a relação dos jovens com a agricultura familiar e com o desejo de permanência ou não no campo; produzir um conhecimento sobre a realidade dos jovens rurais com vista a subsidiar a construção de programas e projetos sociais destinados à juventude rural de Maxaranguape/RN, a partir de sua realidade específica e de suas demandas.

A metodologia de pesquisa centrou-se na pesquisa qualitativa, utilizando a técnica de grupo focal. Num primeiro momento, foi permeada pela insegurança de seu uso, da dificuldade de organizar uma equipe de trabalho, da aplicação, e, sobretudo, da reação do público. Entretanto, subsidiamo-nos da maneira necessária e encaramos o desafio, uma vez que esta técnica se mostrava para nós como uma possibilidade de proximidade com a população pesquisada e contribuir de forma significativa para aprofundar as temáticas em questão.

O caráter analítico e a possibilidade de colocar em evidência as questões trazidas pelos participantes foi um dos fatores que nos fizeram optar pela técnica de grupo focal, que a partir de 1980 conquistou um espaço privilegiado nas áreas de estudo, tendo o seu início no campo das ciências sociais voltados para as pesquisas de cunho eleitoral.

Assim, outra razão para a escolha da referida técnica se deu em função da necessidade de compreender as visões e concepções de mundo do público pesquisado, de maneira que, através do debate, é necessário atingir tal objetivo, bem como fazemos uma reflexão através da fala dos participantes de modo que, através de um grupo reduzido, com caráter informal, torna-se possível a expressão de suas opiniões e conceitos.

Segundo Otávio Cruz Neto (2001) o grupo focal é uma técnica de pesquisa na qual o pesquisador reúne, num mesmo local e durante certo período, uma determinada quantidade de pessoas que fazem parte do público-alvo de suas investigações, tendo como objetivo coletar, a partir do diálogo e do debate com e entre eles, informações acerca de um tema específico.

É importante situar ainda, que, em função do caráter de participação das pessoas pesquisadas, em muitas pesquisas sociais, esse público é identificado como cidadão e sujeito social ao invés de público-alvo.

Dessa forma, utilizamos como marco central em nossas discussões esse caráter participativo que a técnica sugere. Entretanto, utilizar tal mecanismo, não é de todo modo, uma tarefa de fácil realização. Sugere a definição dos grupos, a organização de reuniões, principalmente a execução de um calendário comum.

Encontrar um calendário comum nas comunidades foi um grande desafio; tivemos que remarcar nossos encontros por diversas vezes, tanto em função do trabalho do jovem no interior da agricultura, como dos espaços de participação nos quais estão inseridos.

Dessa forma, nossa coleta de dados não seguiu um percurso linear, conforme prevíamos em nosso plano de trabalho.

Iniciamos, então, o trabalho de pesquisa acompanhando e observando o processo de finalização do documento da Agenda 21, com ênfase para a plataforma de juventude. Tal ação não estava prevista em nosso plano de trabalho; todavia, entendemos que o público alvo principal de nossa pesquisa é uma parcela dos jovens integrantes do processo de construção da Agenda 21 no município, cuja relação estabelecida nesse primeiro momento se constitui como um importante canal de sensibilização desse público para uma posterior participação na pesquisa.

Para nós, o processo de acompanhamento e observação desses jovens no debate das políticas públicas orientou nosso trabalho, no sentido de reforçarmos a metodologia e as bases teóricas que utilizaremos na referida pesquisa, bem como otimizou o processo de sensibilização e divulgação da mesma.

Após esta fase, realizamos uma reunião com a Rede de Jovens do Nordeste – Núcleo do RN (RJNE-RN), que tem uma intervenção junto a jovens desse município, com o intuito de apresentar a proposta de pesquisa. Tal ação não estava prevista no plano, mas o processo de pesquisa apontou para uma diversidade de nuances e contribuições para a pesquisa, seja no campo da mobilização, seja no campo do interesse despertado por meio do manuseio e utilização dos dados para o processo de formação política dos jovens, como no caso em particular da RJNE – RN.

Paralelamente, realizamos levantamento bibliográfico acerca da metodologia de pesquisa, com vista a compreender melhor acerca da técnica de grupo focal. Realizamos, ainda, levantamento bibliográfico acerca de algumas temáticas que estão relacionadas ao tema da pesquisa, dentre estas, podemos citar: Juventude, Agricultura Familiar e Participação Política.

Em seguida, iniciamos o estudo de parte significativa desses materiais, objetivando aprofundar nossas reflexões acerca destas temáticas.

Tais processos e conteúdos foram fundamentais para a organização, elaboração e preparação dos roteiros e dos instrumentos de pesquisa em construção.

A previsão para a finalização de elaboração de tais instrumentos se deu final do mês de janeiro de 2008, momento em que maturamos as principais questões a serem trabalhadas nos referidos instrumentos.

O início dos trabalhos de pesquisa, conforme o planejado, só ocorreu em fevereiro, em função das atividades da Agenda 21 e sua conclusão se deu em abril.

Há ainda uma pendência na execução das ações planejadas, que é a realização do seminário de devolução de informações para a comunidade pesquisada, bem como apresentação dos dados as organizações locais e poder público. Entretanto, mas uma vez o calendário local aparece com um elemento de dificuldade, de forma que acordamos a realização desse momento para o mês de outubro de 2008, em função do processo eleitoral municipal.

Assim, antes de descrevermos as ações realizadas, cabe ressaltar que se trata de uma pesquisa com comunidades rurais em Maxaranguape, cuja área rural compreende 05 assentamentos banhados pelo Rio Maxaranguape, 03 comunidades que ficam no interno do Estado e 02 no litoral.

Durante o mês de janeiro conseguimos estabelecer contatos com os grupos de jovens das comunidades: Santa Ana, Assentamento Nova Vida II, Assentamento Novo Horizonte II. Tais comunidades fazem parte da área de assentamentos rurais da região. Posteriormente, realizamos a coleta de dados nas comunidades: São João e São Lourenço.

Paralelamente ao processo de coleta de dados, acompanhamos e observamos o trabalho das comunidades e dos grupos do município que estão envolvidos na preparação do Seminário de lançamento da Plataforma de Desenvolvimento Sustentável da Agenda 21. O fato de uma parte considerável de jovens dos assentamentos citados estarem envolvidos na discussão da Agenda 21 foi uma das questões que inviabilizou o início do trabalho de pesquisa, conforme já mencionado.

Ressaltamos que o processo de observação e aproximação aos grupos foi incorporado como fase da pesquisa, como forma de facilitar o processo posterior, que se destinou à mobilização dos mesmos.

Além disto, a observação foi incorporada ao processo da pesquisa, por termos a compreendido como uma técnica importante para a apreensão dos níveis de debate e participação dos jovens inseridos em grupo e que estão participando ativamente da construção da Plataforma de Políticas Públicas para a Juventude.

Assim, realizamos 04 grupos focais, conforme detalharemos no item dos resultados deste relatório. Além de ser um processo rico em função dos debates estabelecidos, percebemos que se tornaram espaços de lazer, uma vez que esta é uma grande dificuldade mencionada pelos jovens participantes dos grupos focais. Cada grupo focal foi realizado durante o período de duas horas, conforme sugere a técnica de pesquisa.

Utilizamos como estratégia de sistematização dos resultados, um olhar sobre as perguntas chaves citadas no item problematização, seguida das principais questões registradas pela equipe que compôs a pesquisa.

Utilizamos o material gravado durante a realização dos grupos focais e transcritos posteriormente, bem como fizemos reuniões com a equipe de pesquisa para discutir os principais elementos anotados e observados durante os momentos de aplicação da técnica.

A sistematização dos resultados, apesar de seguir um roteiro de questões sobre perfil, ser jovem (rural), saída ou permanência no campo, sonhos e projetos de futuro, não se deu de forma linear, ou seja, cada grupo deu um tom diferenciado, de forma que a sistematização seguiu um formato específico em cada comunidade, como veremos mais adiante.

No que se refere ao número de participantes, é importante destacar que ultrapassou o limite sugerido pela literatura para a utilização da técnica. Mesmo assim, optamos por envolver todas as pessoas que desejavam participar dos grupos e decidimos subdividi-lo em dois, com o intuito de fomentar o debate, sem deixar de cumprir as orientações metodológicas. Além disto, tal decisão tinha como propósito valorizar o interesse das pessoas contactadas em colaborar com a pesquisa.

Ressaltamos que a disponibilidade foi um elemento significativo para a realização do recolhimento de informações, portanto, facilitador do processo de pesquisa, sobretudo porque os participantes destacaram suas satisfações em participar de uma pesquisa para tratar das especificidades da juventude rural.

A pesquisa é um instrumento que, para além de um processo de construção teórica, poderá servir de base para pensar processos de intervenção, uma vez que se propõe a se constituir em subsídios para os grupos locais e poder público.

1 – Problematizando o universo da juventude rural:

Quais os sonhos/desejos dos jovens rurais? Essa questão está intimamente ligada aos projetos e perspectivas de futuro, aos projetos de vida individuais e coletivos. É certo que o compromisso com a família pode “comprometer” os projetos individuais, mas, na medida em que desejam melhorar a vida ou “ser alguém no futuro”, esses desejos certamente os impulsionam a pensar estratégias de conquistas de novos espaços na sociedade.

A busca por novos espaços muitas vezes é entendida como o desejo de ir para a cidade. Entretanto, esta questão campo/cidade, não pode ser compreendida apenas como um dilema no âmbito das decisões juvenis, uma vez que há diversos fatores que impulsionam o êxodo do jovem rural. Por outro lado, esse debate não é de toda forma, apenas a continuidade de uma oposição histórica entre o urbano e rural, mas é, ao mesmo tempo, uma dualidade que contribui para a formação de uma identidade mista da juventude em questão.

Na pesquisa Perfil da juventude brasileira, os três assuntos que aparecem como sendo os maiores interesses da juventude rural são: educação, emprego e cultura e lazer. Carneiro (2005) analisa essas perspectivas de futuro e a compreende:

Apesar das dificuldades atuais enfrentadas pelos jovens rurais para se estabelecerem no mercado de trabalho e da precariedade das condições de trabalho a que são submetidos, a avaliação que fazem do futuro próximo é, paradoxalmente, otimista. A quase totalidade deles vislumbra um futuro melhor para suas vidas pessoais com base em dois principais fatores: a possibilidade de virem a trabalhar (ou de terem uma profissão) e o término da formação escolar (um associado ao outro). (2005: 252)

Esses desejos não se encerram numa perspectiva previsível, mas o não previsível como sonhar diante de grandes adversidades possibilita um novo desenho da juventude rural. Desta forma, algumas indagações parecem relevantes: Os Jovens querem permanecer no campo? Qual a relação deles com a agricultura familiar?

Embora, esteja imbricada com a questão anterior, a discussão aqui pode nos levar a um debate sobre sucessão, hereditariedade e relação com os programas de fixação dos jovens no campo, ou seja, as políticas públicas específicas para a juventude rural.

Na pesquisa perfil da juventude, Carneiro (2005) relata que as mudanças de valores em relação à cidade, mudam quando os jovens se sentem motivados a valorizar o lugar em que vivem, diante da melhoria das condições de infra-estrutura e das possibilidades de ocupações não-agrícolas.

Um outro fator interessante para pensarmos a permanência dos jovens no campo é a ocupação destes na cena pública. Se por um lado, as políticas sociais de fixação do jovem no campo como imposição de continuidade do trabalho dos mais velhos gera incômodo, por outro, os próprios grupos juvenis organizados pautam o debate das políticas públicas, pensando em ações que lhes beneficiem e dêem conta de solucionar suas atuais demandas. Para Sposito e Carrano (2003), embora recente, observa-se na sociedade brasileira um consenso inicial em torno da necessidade de implementação de políticas públicas destinadas à juventude.

Assim, a questão da juventude deixa de ser tema da subjetividade, encarada como problema ou questão da vida privada, para ser pontuada como espaço de demandas de políticas públicas, tendo ainda nas ações da área de direitos destinadas às crianças e aos adolescentes um limite, uma vez que não dá conta da fase seguinte – a juventude. São por sua vez conflitantes as respostas nas áreas de segurança, de saúde, de educação e, principalmente, de inserção no mundo do trabalho.

Apesar de todas as questões levantadas acima, não podemos deixar de lado o debate sobre o jovem no interior da Agricultura Familiar, uma vez que, quando pensamos em juventude rural e a associamos ao mundo do trabalho, geralmente o fazemos pensando nos processos de continuidades ou descontinuidades, na relação com o trabalho agrícola que os mais novos possam ter.

Para as famílias que vivem especificamente em assentamentos, uma outra questão parece relevante: Qual o futuro dos jovens ao se casarem? Terão lugar para viver? Terão eles que passar por toda a luta pela qual os pais já passaram anteriormente pela conquista da terra?

Os dilemas quanto ao futuro parecem traduzir melhor o que é ser jovem no mundo rural seja ele de que face for. Tais dilemas são os fios condutores dessa pesquisa que tem a intenção de construir o perfil da juventude rural em Maxaranguape.

Por fim, elucidamos, a partir dessa discussão, três blocos de questões que perseguimos com o intuito de construir o perfil juvenil em Maxaranguape, são elas: 1- O que é ser um jovem em Maxaranguape; 2- Qual a relação dos jovens com a agricultura familiar; 3- Quais os principais projetos de vida individuais e coletivos e a relação com a permanência ou saída do município.

2 – Juventude rural: desvendando as concepções teóricas

Antes mesmo de tratarmos do tema proposto, ou seja, o debate de jovens especificamente no rural, cabe uma indagação sobre a condição juvenil que, em primeira instância, parece ser uma categoria auto-explicativa em que, de maneira geral, a obviedade desta auto-evidência faça com que todos tenham alguma reflexão ou afirmação sobre o tema.

A realidade juvenil, porém, não é tão linear como se apresenta as diversas discussões sobre o assunto. Nesse sentido, há muitos deslizos, dificuldades e indefinições ao se precisar o tema em questão; são inúmeros os recortes existentes nas ciências humanas que, em alguma medida, pontuam entendimentos sobre a questão, embora não solucionem as tensões existentes entre as interpretações sobre a realidade e a própria realidade juvenil.

Conceituar a juventude não é uma tarefa simples, se nos propusermos a entender o que Novaes (2005) denomina de “*mosaico*” que é constituído por vários elementos como classe, gênero, raça ou cor, local de moradia, orientação sexual, estilo ou gosto musical e religião. Todos estes elementos são importantes para a compreensão das juventudes no plural e não da juventude no singular.

Além desse mosaico, o corte geracional, pela época em que nasceram os jovens, como assinala Paul Singer (2005) e, por conseguinte, o fato de compartilharem os mesmos problemas, como, por exemplo, o fato de serem de uma geração com uma marca de tempo de crise social, também estimulam o debate da pluralidade e das diversidades presentes na concepção de juventudes.

Regina Novaes (2005) contribui para esse entendimento ao apresentar o cenário em que nasce e vive essa juventude:

Os jovens brasileiros, nascidos do final da década de 1970 para cá, encontraram o mundo mudado. Eles fazem parte de uma geração pós-industrial, Pós-Guerra Fria e pós-descoberta da ecologia. Vivem as tensões e os mistérios do emprego, da violência urbana e do avanço tecnológico (NOVAES, 2005; p.264).

As tensões enfrentadas com relação às perspectivas de futuro estão, na maioria das vezes, ligadas ao desemprego. Segundo Pedro Paulo Martoni Branco (2005), dados da Organização Internacional do Trabalho (OIT), revelam que o desemprego entre jovens de 15 a 24 anos, elevou-se nos últimos dez anos e atingiu cerca de 88 milhões de pessoas. Branco (2005) ressalta ainda que, “Nos países em desenvolvimento, a situação é ainda pior, uma vez que a possibilidade de um jovem tornar-se desempregado é cerca de 3,8 vezes maior do que a de um adulto a partir de 25 anos” (p.129).

Assim, esse e outros elementos como a ligação do ciclo educacional à entrada no mundo do trabalho deve ser levada em conta, seja pelo abandono da escola para o ingresso em algum tipo de trabalho, seja por uma maior busca por estudos e cursos profissionalizantes para a conquista de uma qualificação profissional.

Nesse sentido, a discussão sobre trabalho pode ser compreendida como um direito dos jovens, ou seja, o reconhecimento desse segmento enquanto sujeito de

direitos está associado, fundamentalmente, à garantia do acesso ao mercado de trabalho. Essa garantia, em diversas circunstâncias, não deve estar diretamente ligada ao mercado informal; depende da capacidade inventiva dos jovens e do poder público investir em alternativas profissionais que neguem experiências profissionais ligadas ao autoritarismo e à baixa remuneração dos jovens em relação aos adultos, bem como pela capacidade de combinar satisfação e gratificação.

Podemos, assim, assinalar, como parte dessas perspectivas, os trabalhos vinculados ao associativismo, cooperativismo e, ainda, o trabalho de cunho social remunerado, que possibilitam o fortalecimento de suas comunidades.

Ao trabalhar os dados da pesquisa “perfil da juventude brasileira”, Branco (2005) retoma a “necessidade de delinear e colocar em marcha um programa nacional amplo voltado para o estabelecimento de um padrão de intervenção do Estado em face da questão do trabalho juvenil” (p.130).

Nesse aspecto, elucida também algumas questões que são fundamentais para promover estímulos e apoios ao trabalho no campo: fortalecer e ampliar o Programa Minha Primeira Terra (integrante do Programa Nacional de Crédito Fundiário); incentivar as atividades agrícolas e não-agrícolas como turismo, ecoturismo, artesanato, música, trabalho autônomo, no comércio ou na indústria ligados à produção rural; desenvolver política de geração de trabalho e renda no campo com incentivos às cooperativas e agroindústrias nos assentamentos, além do fortalecimento da agricultura familiar; fornecer linha de crédito subsidiado e seguro agrícola para o jovem rural até 35 anos; estimular o trabalho social remunerado como alternativa de trabalho e formação para as juventudes no campo.

Mas, será que esta fase de vida está marcada tão fortemente pela relação com o trabalho? Decerto, outros temas contribuem e reforçam o entendimento sobre o que é ser jovem e ser jovem no rural, mas tomemos a relação do trabalho como ponto de partida para buscar compreender a juventude na qual estamos estudando, tendo em vista que não daremos conta de todas as características postas nos diversos debates que tornam a juventude plural.

Assim, tomando como base a discussão sobre juventude e trabalho, a pesquisa sobre a ocupação dos jovens nos mercados de trabalho metropolitanos do Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (DIEESE) - 2006 traz importantes elementos para essa discussão, sendo uma das mais relevantes, as diferentes formas de inserção dos jovens no mercado de trabalho que variam em detrimento da renda familiar, da possibilidade de frequentar a escola, região de domicílio, fatores estes que levam, além das já citadas diferentes formas de inserção, discrepâncias nos rendimentos, jornadas de trabalho etc.

Tal pesquisa evidencia ainda que entre os ocupados com mais de 16 anos, os jovens representam uma proporção de 20,7%, o que totaliza 3,2 milhões de pessoas; contudo, se considerarmos o total de desempregados entre 3,2 milhões de pessoas acima de 16 anos nas regiões metropolitanas analisadas pelo DIEESE (2006), 1,5 milhões de pessoas está na faixa etária entre 16 e 24 anos.

É possível percebermos que os jovens formam cada vez mais a População Economicamente Ativa (PEA) do país. Porém, associada a essa busca e a essa necessidade de inserção no mercado de trabalho, estão as desvantagens de não ter experiência, conciliar estudo com trabalho, lugar social que distancia cada vez mais os jovens oriundos de famílias de baixa renda, a possibilidade de uma melhor qualidade de vida, agregando a esse tema o tema da precarização do trabalho e a baixa remuneração.

Assim, perguntar o que os jovens entendem sobre esta fase da vida, é um caminho para aprofundar um pouco mais sobre o tema. Várias outras questões também são fundamentais como, por exemplo: Qual o sonho e desejo desses jovens? Querem permanecer no campo ou ir para as cidades? Querem trabalhar na roça ou em atividades não agrícolas?

Certamente, não desenvolveremos todas as questões acima, mas as elucidaremos como forma de “perseguir” as especificidades dos jovens rurais e principalmente com o intuito de entender um pouco mais a formação desse novo sujeito social.

Em primeiro lugar, é preciso desconstruir alguns mitos como o de que a juventude rural se sente atraída pela cidade, ou de que a juventude rural deve permanecer no campo e por isso as políticas sociais devem priorizar esse foco formando e empoderando lideranças juvenis.

Uma segunda questão é não partir do princípio de que a categoria juventude é auto-explicativa e auto-evidente, capaz de ser analisada através de comportamentos de risco ou idade apenas, como já sinalizado anteriormente.

É comum nos estudos sobre juventude rural, a explicação de que a migração é um problema a ser enfrentado e que a mesma impede o destino dos jovens. Associado a essa, são pensadas as estratégias para fixação dos jovens no campo. Castro (2004, p.5) traz elementos para compreensão dessa questão ao afirmar:

A análise das percepções sobre “juventude rural” aponta similitudes na abordagem. Nesse caso a “juventude” deveria ser impedida de completar seu destino: a migração do campo para a cidade e o conseqüente “fim” do mundo rural, em especial do trabalho familiar. Ao invés, a “juventude” pode ser o agente de uma transformação social que resgate os valores do mundo rural. Com base nesta percepção, alguns programas sociais visam ‘manter o jovem no campo’ e “empoderá-los” de capacidade de liderança. No entanto, diversos estudos demonstram que a mudança dessa realidade está muito além de esforços individuais – demanda ações coletivas e mudanças mais profundas na realidade brasileira. (CASTRO, 2004; p. 05)

Diante dessa discussão, podemos identificar importantes contribuições acerca das especificidades da juventude rural, que servem para “desnaturalizar” o processo de saída do campo, “desconstruir” a perspectiva de fim do rural e oportunizar novas perspectivas de análise acerca das escolhas e dos projetos de vida dos jovens do campo.

Assim, outras especificidades dos jovens rurais são importantes ser consideradas com vistas a proporcionar análises mais consistentes acerca dos seus modos de vida. Os critérios de representação ou de auto-representação do universo rural para os jovens levam em consideração aspectos “elásticos” que não se limitam a uma faixa etária, ou seja, a entrada no mundo do trabalho pode ser um destes critérios.

Podemos citar ainda o casamento como ingresso na vida adulta e, por conseguinte, ser solteiro e não ter constituído família é considerado sinônimo de juventude. Todavia, estas definições são bastante limitadas como pondera Carneiro (1999, p.1):

Ambs os critérios são igualmente frágeis e carregados de ambigüidades construídas culturalmente. Na realidade, ser jovem corresponde também a uma auto-representação que tende a uma grande elasticidade em termos etários, proporcional às dificuldades crescentes de ingresso no mercado de trabalho e a sua informalização excessiva no Brasil.

Para além da experiência individual, existe ainda o reconhecimento do ser jovem enquanto processo coletivo, ou seja, fazer parte de um grupo de jovens pode ser uma definição e uma auto-representação do que venha a ser o significado da juventude em uma determinada comunidade.

Não obstante, a construção dessa identidade juvenil rural também passa pelo critério de representação. Embora não seja auto-evidente, a percepção de como o jovem se vê é um dos principais elementos para pensarmos a juventude. Nessa pesquisa, este será um elemento fundamental na análise:

Nesse sentido, é importante considerar, por um lado, o que os jovens herdaram de sua família e de seu meio de origem, ou ainda, a influência das representações “estruturais” naquilo que fazem ou são e, por outro, é necessário incorporar as maneiras com que os jovens se descrevem, identificam-se ou mesmo se movem em busca da realização de seus projetos de vida. Integram-se na análise, assim, as experiências e as representações pessoais (e sua interação no processo de negociação e diálogo com os outros), no que se refere ao problema focalizado, bem como as implicações dos capitais socioculturais, que se reproduzem pelas diversas gerações no processo de socialização dos jovens (STROPASOLAS, 2006, p. 172)

Os jovens rurais que ao completarem 15 anos passam a ter a responsabilidade de sustento da família, com uma série de fatores que os colocam nessa condição como casar, ter filhos e parar de ir à escola, também se apresenta como a interrupção da juventude, antes mesmo dela chegar.

Para nós, é importante considerar esse viés de ingresso na vida profissional, e que, de maneira geral, é o jovem rural quem detém a possibilidade de já ter uma profissão sinalizada quanto ao seu futuro. Entretanto, essa concepção apresenta dois grandes dilemas: o primeiro é o de que não necessariamente esta profissão estar incorporada aos seus projetos de vida. Segundo é de analisar a juventude apenas pelo ingresso ao mundo do trabalho e, no caso da juventude rural, correr o risco de excluir outros aspectos sócio-culturais que certamente contribuem para uma melhor delimitação da condição de jovem.

A escolha por um viés ou outro é, muitas vezes, uma decisão escorregadia, que assumimos aqui como um risco que devemos correr e que abertamente outros autores o fazem. Nesse sentido, definir juventude rural é mais que uma tarefa desafiadora; é assumir o desejo de contribuir e elucidar questionamentos sobre o tema como forma de torná-lo mais visível, ou de entender um tipo de comportamento ou padrão cultural que diferencia o jovem rural do urbano e como esta diferenciação pode acontecer em uma determinada região e conformar essa *rede* de contribuições sobre o que é ser jovem rural.

Embora não seja nossa posição, assumir nesse trabalho, a defesa de um único aporte que nos faça entender melhor o tema juventude, mas para, além disso, assumiremos, aqui, as imprecisões, heterogeneidade, pluralidade que o conceito comporta com o intuito de buscar especificidades nele e não cair no equívoco de dizer que juventude rural é tudo ou que não é possível contribuir com uma conceituação e /ou categorização sobre o tema em questão.

Afirmar que esta categoria é sociologicamente problemática em função da falta de tradição acadêmica de estudo, ou pelo fato de não existir uma definição única em todas as sociedades, não pode ser um fim em si mesmo, ou seja, não podemos nos prender à palavra juventude e passar por ela sem buscar as nuances que transpõem o universo privado, e que, sobretudo, se impõe no cenário público.

Para tanto, essa representação e esse olhar sobre si mesmo, além de propiciar interação do jovem com sua juventude, contribui para uma compreensão desta. Nesse aspecto, muitas pesquisas apontam essa discussão, principalmente refletindo a partir do olhar dos jovens e dos seus projetos de futuro, bem como suas “escolhas” podem refletir na construção dessas identidades, como parecem ser os esforços empreendido por Lambert (1986), Carneiro (2005), Wanderley (2006), Stropasolas (2006) dentre outros.

Desmistificar o sentido de “impotência” do termo para além de uma definição semântica tem sido um grande desafio para pesquisadores, em especial das Ciências Sociais. Polêmica iniciada por Bordieu (1984) ao discutir as limitações do termo e afirmar que juventude é apenas uma palavra. Entretanto, vários autores trabalham esse contraponto, ressaltando a necessidade de se pensar sua construção enquanto categoria social historicamente situada, passível de transformações e com especificidades inerentes a cada lugar de origem, vivência etc.

Nos estudos recentes sobre juventude, a marca simbólica tem sido ultrapassar as barreiras físico-biológicas, assim como de fatores ligados à juventude como problema e/ou delinquência, circunscrita a uma faixa etária, aprofundando outros aspectos como sugere Guaraná (2005) que nesse contraponto apresenta a idéia *Juventude rural: “apenas uma palavra ou “mais que uma palavra”*. Stropasolas (2006) acrescenta que é possível se verificar uma multiplicidade de designações que contêm as representações mais importantes do ponto de vista dos que as constroem e que estas definições devem compreender as variações entre classe social, gêneros, entre cidades e entre a cidade e o campo.

Desse modo, um desses aportes atuais que contribuem para desvencilhar essa fase da vida, chamada juventude, é a entrada na vida adulta por meio da profissão e, conseqüentemente, tornar-se chefe de família reforça um estereótipo de que a juventude rural assume muito cedo esse compromisso e que por sua vez não vive essa fase de buscas, afirmação da identidade, escolhas com relação ao futuro, que não vive a juventude.

Na pesquisa Perfil da Juventude Brasileira é importante considerar que o número de jovens rurais inseridos em algum espaço profissional é maior do que o de jovens urbanos, fato que não podemos ignorar numa análise das especificidades presentes nas experiências dos jovens do campo. Mas, também é importante perceber que as mudanças ocorridas no espaço rural e o estreitamento cultural entre os jovens urbanos e rurais, aproximam entendimentos e pensamentos juvenis dessa geração, seja ele rural ou urbano como reflete a pesquisa ao apontar como ponto comum entre os jovens urbanos e rurais os temas de maior interesse serem educação, emprego, cultura e lazer.

Diante disso, as categorias teóricas que dão suporte à apreensão do objeto de estudo são: juventude, juventude rural, agricultura familiar e participação política.

A categoria juventude não é, de todo modo, fácil de ser compreendida. Abramo(1998) contribui com esse debate ao ressaltar a heterogeneidade das condições juvenis, que para nós é fundamental:

As desigualdades e a fragmentação social se refletem na existência de uma grande heterogeneidade de condições juvenis (em termos econômicos, geográficos, culturais, étnicos, de orientação religiosa e filosófica) (...) Os jovens dos setores de baixa renda são os mais afetados pelas situações de exclusão montadas pelo paradoxo entre integração e desintegração. Enfrentam problemas de várias ordens de inserção social, que afetam sua transição à idade madura. (ABRAMO, 1998: 5).

Nesse sentido, incorporamos à nossa discussão uma compreensão da juventude considerando os aspectos plurais das várias identidades juvenis, como os aspectos econômicos e culturais, o lugar de origem, a relação com o mundo do trabalho, com a família, com as entidades e com os movimentos juvenis, ou seja, o reconhecimento dos jovens como sujeitos diversos.

Este modo de compreender, sem dúvida, alargou nossa discussão para o entendimento de que juventude falamos, quando nos referimos a juventude rural e sua relação com o trabalho na terra. Conforme discute: Abramo (2005), Abad_(2003), Sposito (2003), Novaes (2005), Castro (2004), Carneiro (1999), Stropasolas (2006) e Wanderey (2006).

Nesse universo de reflexão, a agricultura familiar foi tratada por nós, não apenas na perspectiva de o agricultor ser proprietário dos meios de produção e assumir o trabalho produtivo, mas entendendo-a como ponto de partida para a identidade juvenil. Nessa perspectiva, para situar o debate consideramos as principais definições acerca da relação entre jovens e a agricultura familiar como sugere: Wanderley (2000),

Abramovay (1998), Neves (1992), Germer (200), Bastos (2006), Carneiro (2005) e Stropasolas (2006).

No debate, a participação tem importante lugar, considerando o sentido de consolidação da democracia e da compreensão do alargamento dos canais de diálogo e participação juvenis, existente no município contexto empírico desta pesquisa. Dentre estes é importante citar as experiências dos grupos, nos conselhos de políticas públicas, entre outros espaços, buscando analisar em que medida essas questões aparecem no cotidiano dos jovens. Assim, buscamos entender a importância da discussão de espaços de proposição e execução de políticas públicas no campo das relações Estado e Sociedade Civil, levando em consideração a perspectiva de democracia participativa como sugere Nogueira (1998), Pereira (1999), Pateman (1992) e Pontual (2003).

3. Ser jovem no universo rural: discutindo o tema em Maxaranguape/RN

a) Dos principais resultados: o olhar dos jovens rurais

As informações apresentadas a seguir pontuam as especificidades dos(as) jovens de Maxaranguape, identificadas a partir dos debates realizados por ocasião dos grupos focais.

Identificamos símbolos coletivos comuns e inerentes a esses(as) jovens, mas, sobretudo, elucidamos as diferenças, que evidenciam, por sua vez, a necessidade de refletirmos sobre a pluralidade rural, ainda que estejamos falando em comunidades de um mesmo município.

Ao mesmo tempo em que os jovens falam da sua realidade, apontam caminhos para a garantia dos seus desejos de melhoria das condições de vida na comunidade e/ou oportunidade de vivenciar outras experiências, como mudar de cidade, conseguir um trabalho e continuar os estudos. Tais elementos devem ser inspiradores de um debate mais profícuo sobre a inserção do tema juventude na esfera pública, sobretudo, da necessidade de adequação das políticas públicas existentes na realidade local a partir do reconhecimento desses(as) jovens enquanto sujeitos de direitos e detentores de conhecimento sobre os seus reais sonhos. Desejos e projetos de vida, fato que os(as) credenciam a condição de exercer a cidadania ativa, participando e intervindo nos processos de fomento e execução das políticas públicas de/para/com jovens, com o intuito de aperfeiçoar tais ações e, por conseguinte, garantir direitos e afirmar uma identidade.

Desta forma, apresentamos os principais elementos identificados em cada comunidade, por meio das informações coletadas, mas, principalmente, os elementos descritivos, observados e debatidos nos grupos focais realizados.

O conjunto de informações constitui-se, para nós, elementos fundamentais a serem incorporados ao debate em torno da conceituação do significado do que vem a ser juventude, principalmente o que é ser um(a) jovem rural em Maxaranguape.

Desta forma, dividimos essa discussão em dois momentos: apresentação geral das informações sobre a realidade dos jovens de Maxaranguape nos assentamentos pesquisados e apresentação de elementos centrais coletados durante a realização dos grupos focais, do perfil dos jovens, compreendendo o significado de ser jovem no universo rural; saída ou permanência do campo e sonhos projetos de futuro.

b) As juventudes em Maxaranguape

Os jovens urbanos e rurais de Maxaranguape têm enfrentado muitos problemas no seu cotidiano. Apesar das dificuldades, esses jovens apresentam uma reflexão sobre a importância da organização para superar esses obstáculos. A partir das experiências da organização comunitária e da participação nos grupos de jovens da Igreja Católica eles vão experimentando como participar, quais os seus problemas, o que anseiam para o futuro, entre outros.

Ao longo do nosso processo de observação e durante o período de realizações das reuniões do diagnóstico da Agenda 21, registramos que os jovens das comunidades de Maxaranguape apresentam como elemento importante para a mudança de suas realidades a participação política e social no município. Entre os jovens é forte a participação em grupos juvenis, sejam grupos ligados às igrejas, grupos esportivos ou culturais. Esses grupos têm se configurado como espaços de criação cultural; formação de laços afetivos; trocas de experiências e informações; criação de linguagens e códigos; construção de sociabilidade e verdadeiros canais de articulação de identidades coletivas. Tem sido estimuladores e formadores de opiniões e de posturas éticas para a vida dos jovens.

Embora o enfoque da participação não tenha sido tema tratado com a mesma ênfase que em processos anteriores, consideramos que essa é comentada e relacionada pelos próprios jovens durante a realização dos grupos focais que expressaram a necessidade de debate e organização social para a conquista de direitos.

Além disso, os jovens de Maxaranguape demonstram interesse pela política. Muitos deles afirmam assistir noticiário sobre política e realidade brasileira. Da mesma forma, destacaram que discutem entre si sobre as candidaturas das organizações sociais e políticas do município, bem como participam de atividades das associações ou conselhos comunitários. Apesar dessa participação, ainda persistem problemas de descrédito do potencial e da capacidade deles mesmo, porque muitas vezes não são ouvidos pelos adultos. Destacam ainda a ausência da falta de reconhecimento para ocuparem cargos de direção nas organizações, bem como de políticas públicas que atendam as suas demandas.

Ainda sobre as reuniões do diagnóstico da Agenda 21 nas comunidades, os jovens reafirmam sua condição de grupo vulnerável socialmente, principalmente os jovens da área rural, no que se refere à inclusão social por meio de acesso a bens e serviços. Assim, foram apresentados também outros problemas que atingem a vida juvenil, dentre estes é importante destacar aqueles relacionados às drogas, a prostituição infanto-juvenil, a violência doméstica, exclusão digital. Paralelo a isto a falta de intervenção do Estado, diante da inexistência programas que desenvolvam atividades artísticas e culturais e que proporcione ambientes de lazer e convivência social.

Além disso, os jovens rurais enfrentam uma problemática bem maior que os jovens urbanos. Eles não têm incentivo para estudo, para a realização de práticas esportivas e de lazer. Segundo os dados do diagnóstico da Agenda 21 em Maxaranguape as escolas têm problemas estruturais e os professores são mal remunerados, desestimulando a participação dos jovens na vida escolar, na pesquisa, na criação, no esporte e na cultura.

Não há programas de geração de renda para agricultura familiar, ocasionando a migração das moças para emprego doméstico nas cidades da circunvizinhança e na capital do Estado e os rapazes acabam se inserindo no trabalho na construção civil, sendo forçados a deixar os estudos, antes da conclusão do ensino fundamental. Outro problema apontado pelos jovens rurais é a gravidez na adolescência e/ou na fase juvenil, ocasionando uma tomada de responsabilidade que na maioria das vezes esses jovens (moças e rapazes) não estão preparados. Isso faz com que transitem a nova fase da vida – mundo adulto – com poucas perspectivas de futuro.

As questões citadas acima foram evidenciadas nas reuniões realizadas nas comunidades, segundo documento de diagnóstico, junto aos jovens de Maxaranguape. Como resultado desse processo educativo da Agenda 21, ou como reivindicação os jovens apresentaram aos gestores públicos suas demandas para serem constituídas ações políticas públicas: falta de projetos e propostas de geração de emprego, ocasionando o êxodo para outras cidades; falta de empregos para jovens e adultos; falta de cursos de formação para os jovens; incidência de drogas e prostituição juvenil; falta de organização no transporte escolar, ocasionando muitas faltas durante o mês, prejudicando os estudos dos jovens.

Juventude e o acesso a cultura:

Olhando para realidade de Maxaranguape, durante as caravanas de diagnóstico da Agenda 21 do município, foram realizadas reuniões com alguns grupos culturais para a identificação da realidade local, a partir do olhar da comunidade.

Assim, a comunidade elucidou uma série de questões, como veremos a seguir: ausência de uma política cultural que resgate e preserve a cultura local; ausência de um programa de incentivo financeiro e material para a estruturação e manutenção dos grupos; falta de um cadastramento/catálogo dos grupos culturais e dos artistas locais; falta de uma programação cultural permanente que proporcione a criatividade e potencialize os grupos e artistas locais; ausência de espaços físicos de lazer e divertimento nas comunidades rurais e litorâneas; a história cultural do município não é repassada para novas gerações nas escolas; falta de lazer e quadras de esportes nas comunidades; falta de bibliotecas comunitárias; falta de assistência ao esporte; pouco incentivo ao artesanato local e exclusão digital.

Segundo o diagnóstico da Agenda 21, em Maxaranguape, os entrevistados durante a pesquisa da referida Agenda 21, afirmaram que o município tem uma potencialidade turística e cultural, mas são poucos os investimentos da Prefeitura. Na sede do município, em Barra de Maxaranguape, a Prefeitura mantém com recursos próprios uma banda de música que atende mais de 60 jovens nas suas atividades. E, ainda, foi construído o Centro de Juventude, mas este tem poucas atividades culturais e de lazer. Muitos grupos sobrevivem sem incentivo material e equipamentos, sendo estes fatores que dificultam o desenvolvimento das suas atividades artísticas. Além dos problemas apresentados, as informações obtidas por meio das entrevistas demonstram o pensamento da população sobre a má qualidade dos serviços na área de cultura e lazer em Maxaranguape.

Um outro problema em é a exclusão digital. A maioria dos jovens não tem acesso à informática ou aos equipamentos. As escolas não têm computadores e só existe uma *lan house* na cidade. Os jovens de baixa renda e das áreas rurais ficam sem ter a oportunidade de serem incluídos nesse universo tecnológico por falta de investimento em políticas de inclusão digital.

Por outro lado, Maxaranguape possui uma riqueza cultural muito grande em lendas, tradições, contos, danças e histórias de personagens que sobrevivem na memória dos moradores mais antigos e idosos. Entretanto, esse universo precisa ser ressignificado e valorizado. Assim, o diagnóstico aponta para a necessidade de investir

numa pesquisa, catalogação e divulgação de todas as expressões culturais do município, para que este não perca sua vida histórica e cultural.

I – ASSENTAMENTO NOVA VIDA II:

Desvendando as principais características locais:

O Assentamento Nova Vida II está localizado entre os municípios de Maxaranguape e Ceará-Mirim, com uma distância de 23 km de Natal. O município tem uma área registrada de 1.040,6000 ha e uma área planimetrada e vistoriada de 1.021,9011 ha. O assentamento possui um universo de 100 famílias cadastradas, totalizando uma população de 375 pessoas, sendo 56,00% de homens e 44,00% de mulheres. A faixa de 0 a 25 anos representa 61,60% da população, onde a população economicamente ativa, na faixa dos 26 aos 60 anos, representa 31,47% da comunidade e a população acima de 60 anos representa 6,93%.

A infra-estrutura do assentamento tem garantido algumas ações básicas: na área de educação, está em funcionamento uma escola de ensino fundamental e uma creche, além do transporte escolar para transportar alunos do ensino médio à comunidade vizinha.

Na área da saúde, o assentamento não possui Posto de Saúde, sendo que grande parte das famílias utilizam os serviços de duas comunidades vizinhas, uma vez que os acessos a estes serviços não são possíveis neste assentamento. As famílias relatam ainda que a instalação da equipe do PSF que visita ao assentamento de 15 em 15 dias tem sido relativamente um apoio para os cuidados com a saúde, onde são feitas as consultas sendo encaminhados para a realização de exames na sede do município ou na capital do Estado.

Ainda tratando do tema infra-estrutura, identificamos que o assentamento possui água encanada, energia elétrica, serviço de telefonia público.

Assim, para além de aspectos gerais da infra-estrutura, está o debate em torno do trabalho agrícola, para que possamos compreender a dimensão da produção agrícola nessa localidade. A produção agrícola é desenvolvida por meio das culturas da banana (venda duas vezes ao mês) e no coco (venda a cada trimestre).

No entanto, o maior problema reside no fato da presença de atravessadores na comercialização da produção. A falta de recursos também influencia na produção, as famílias se sentem inseguras no investimento de seu trabalho nas áreas agrícolas.

Foram plantados para subsistência o milho, feijão, mandioca, macaxeira e batata, apenas uma pequena parte é revendida não chegando a ser contabilizada. Há ainda a existência de uma nova área de plantio do cajueiro anão precoce irrigado no assentamento, totalizando dois hectares para cada família. É necessário incentivar o controle da produção, através de uma organização e de uma gestão mais apropriada diminuindo riscos quanto a venda e o valor do produto. As famílias, ainda, utilizam seus quintais com pequenos plantios de macaxeira, mamão, coqueiro, capim, serigüela, imbu, acerola, abacate, mandioca, jaqueira; e pequenas criações de galinha, boi, porco e ovelha.

As famílias assentadas já tiveram acesso a créditos financeiros do PRONAF, habitação e o fomento. O crédito fomento foi destinado à compra de alimentos e outros implementos agrícolas. Pelo PRONAF foi implantado um projeto de irrigação para o cultivo de caju, de dois hectares por família. Atualmente, as famílias estão contempladas no Programa de Consolidação de Assentamento – PAC, pelo INCRA/Governo Federal, dispondo de uma equipe de assistência técnica diariamente para atender as famílias nas demandas produtivas, ambientais, sociais e de infraestrutura.

Os jovens, em geral, são identificados como parte integrante da agricultura familiar, ou seja, como membros da família também no sentido da produção, principalmente quando nos referimos aos rapazes, já que estes afirmam esta ligação com maior ênfase do que as moças do assentamento.

1. Perfil dos jovens:

O debate sobre o perfil dos jovens no assentamento é permeado de muitos elementos. Em primeiro lugar, o grupo explicitou sua participação na Agenda 21 local, lembrando que naquela circunstância identificaram os problemas existentes relacionados à juventude, e por conseguinte, ao seu perfil.

A seguir o momento de apresentação da pesquisa e do grupo já inaugura o debate em torno das diferenças, uma vez que ao participarem da dinâmica de apresentação, construíram formatos diferentes, mesmo sob a mesma orientação.

Algumas falas já pontuam essa pluralidade: “ninguém ver igual”; “cada um é diferente; ninguém é perfeito”.

O trabalho de pesquisa em Nova Vida não começou de pronto, houve algumas negociações com os(as) participantes, que mesmo tendo sido informados do horário, do significado da pesquisa e assumido o compromisso de participar, demoraram a chegar uma vez que estavam vivenciando um dos principais momentos de lazer, segundo os(as) próprios(as) jovens da comunidade, ou seja, interromper a partida de futebol não foi uma tarefa fácil, nem para os jovens, tão pouco para a equipe de pesquisa.

Contudo, esse primeiro elemento já nos chamou bastante atenção, uma vez que a expressão de alegria e encantamento pela prática esportiva demonstrada pelos jovens, já nos ajudam a construir a identidade juvenil local e seus principais espaços de sociabilidade, sendo estes relacionados ao gosto pelo esporte.

O clima de descontração trazido da partida de futebol esteve presente durante todo o grupo focal através dos risos dos participantes. Apesar da descontração e da cumplicidade no olhar do grupo, expressar-se diante das questões postas ao debate não foi uma tarefa fácil, logo a introspecção e timidez, momento em que um esperava o outro se colocar desde o momento de apresentação.

O grupo composto de 09(nove) mulheres e 07(sete) homens, apresentou como principais ocupações:

- ajudar em casa;
- professor(a);

- agricultor/vaqueiro/destilador de capim ;
- trabalhador da construção civil.

Identificamos um perfil juvenil relacionado ao tipo e condição de trabalho, ou seja, a divisão sexual do trabalho na comunidade Nova Vida expressa pelos participantes do grupo focal reforçam uma “tendência” geral da reprodução de um modelo de sociedade em que as mulheres em geral não desempenham trabalhos para além dos serviços domésticos e os homens trabalham “fora”, ainda que o trabalho realizado pelas mulheres jovens em casa, de certo modo são trabalhos que garantem a sustentação do trabalho da família, principalmente dos que desempenham trabalhos voltados para a agricultura.

O grupo conta com apenas uma jovem que trabalha “fora”, ou seja, uma jovem professora, enquanto as demais trabalham em casa e a maioria dos jovens do sexo masculino, participantes do grupo focal, desempenha trabalho na agricultura.

Um elemento importante no que se refere aos direitos trabalhistas foi pontuado pelos participantes ao afirmarem que apenas 02(dois) jovens do grupo possuem carteira de trabalho assinada.

Apesar das tentativas de realizar os grupos focais a partir de elementos comuns, ou seja, reunir os grupos por idades aproximadas, só para citar um exemplo, tais iniciativas foram de difícil materialização uma vez que o próprio grupo demonstrou desejo de participar conjuntamente. Dessa forma, tivemos que levar em consideração vários elementos como a ausência de opções de lazer no município, tendo no grupo focal uma possibilidade de entretenimento, bem como a própria identidade de se sentir jovem mesmo com 12 ou 36 anos.

Sabemos que é necessário seguir o rigor acadêmico, mas este não pode deixar de levar em também as especificidades locais. Contudo, sabemos que não é de todo modo, uma tarefa simples trabalhar com uma diversidade tão ampla, mas seguimos o trabalho com o grupo, mesmo diante deste desafio

Assim, o grupo de Nova Vida, tem como faixa etária, entre 12 e 36 anos, conforme tabela abaixo:

Tabela 1 – Participantes dos grupos por sexo e idade

| Sexo | Idade | Total |
|------------------|--------------|--------------|
| Feminino | 12 | 02 |
| | 13 | 01 |
| | 16 | 01 |
| | 17 | 01 |
| | 18 | 01 |
| | 27 | 01 |
| | 36 | 01 |
| Masculino | 13 | 01 |
| | 16 | 01 |
| | 17 | 02 |
| | 18 | 01 |
| | 21 | 01 |

| | | |
|--|----|----|
| | 22 | 02 |
| | 24 | 01 |

Nesse momento de construção do perfil do grupo, observamos um maior número de participantes no que se denominam adolescentes – jovens, todos solteiros e nenhum dos integrantes do grupo focal tem filhos.

2) Ser jovem (rural):

Os(as) jovens iniciam o debate de forma polêmica, afirmando que a principal diferença entre o(a) jovem rural e o(a) jovem urbano(a) é a condição econômica, questão que é complementada pelo tema oportunidade. Utilizam simbolicamente um desenho de uma camisa quadriculada versus um terno. Este elemento simbólico traduz uma reprodução de como é tratado o rural enquanto sinônimo de atraso e o urbano como o lugar do progresso.

Contudo, essa é uma polêmica “teórico-conceitual”, mas para o grupo ela é alvo de consenso, aparecendo como uma fala de denúncia e reivindicação, que pode ser compreendida, não apenas como uma reprodução da dicotomia campo-cidade, mas, sobretudo, da necessidade de igualdade de oportunidade e de acesso a bens e serviços pelos jovens do campo.

O grupo acentua esse entendimento ao criticar os espaços de lazer existentes no seu lugar de moradia. Afirmando que ser jovem e desfrutar dos espaços de lazer se limita no campo, as partidas de futebol e que tal esporte é limitado em geral aos homens.

Para as mulheres, de acordo com as falas dessas jovens os espaços de lazer e sociabilidade se restringem a ficar em casa, lavar “os troços”, ou seja, na há espaços que permitam uma maior sociabilidade.

Relataram ainda que o bar é um espaço que homens e mulheres freqüentam, mas que esse espaço não atende as expectativas de lazer que possuem.

No que se refere ao esporte, falaram de como tem crescido o interesse pelo esporte, como exemplo a formação de um time de futebol feminino. No entanto, nessa discussão, apareceu uma expressão “preconceituosa” e “irônica” quando falam das mulheres jogando futebol, como se tal esporte fosse de fato, específico do sexo masculino.

Os jovens do sexo masculino afirmam que todos os dias “jogam bola”, e no dia da feira em Ceará-Mirim (cidade próxima), é propícia a bebida, em função de todos se encontrarem nesse dia. Apesar da falta de espaços propícios, a prática esportiva é um fator relevante e presente na comunidade.

Nesse grupo, o debate sobre ser jovem, esteve permeado pela referência às práticas ou ausência do lazer. Assim, elucidou-se o papel da escola, momento em que colocaram a referida instituição como um lugar fechado, onde não há atividades extra-classe e que este espaço precisa melhorar “em tudo”.

Os jovens afirmam ainda, o desejo de participar de um grupo cultural, mas que as perspectivas existentes são pequenas, diante da falta de investimentos e incentivos nos aspectos culturais.

Por fim, apontam como uma característica que faz parte de seu perfil o namoro, que traz consigo a possibilidade de sociabilidade e lazer.

A seguir apresentamos um a discussão sobre a saída ou permanência dos jovens no campo, que está ligada em parte aos aspectos da sociabilidade, com o intuito de vivenciar essa fase da vida – juventude com mais oportunidades de escolhas.

3- Saída ou permanência:

As diversas questões referentes à vida da juventude no campo passam em primeiro lugar ao sentido que dão a vivência no espaço rural. Assim, elucidamos o debate da permanência ou saída do campo, na busca de identificar os elementos que sinalizam para essa “escolha”.

Nessa perspectiva, os vínculos com o lugar de origem dão o tom do debate, apesar das dificuldades enfrentadas no tocante a vivência de “sua juventude”, os(as) jovens de Nova Vida falam do desejo de permanecerem na comunidade, de construir sua própria casa, de acabarem com a violência e de que ficar é símbolo de família, amor e união.

O debate da união aparece como um ponto de reação à crítica ao lazer, ou seja, para alguns é bom sair, mesmo que sejam apenas para ter acesso a lazer por meio das viagens. Para outros, é possível mudar a realidade em que vivem, buscando juntos novas oportunidades de lazer na própria comunidade.

Contudo, não é apenas o debate do lazer que orienta o desejo de permanência ou saída do assentamento e do município. Outros elementos existentes em cidades maiores também chamam a atenção dos jovens.

Assim, o grupo utilizou símbolos que retratam em alguns momentos o desejo de mudanças que implicam ou saída ou transição entre o campo e a cidade como a imagem de prédios e “homem de paletó” simbolizando o retorno dos jovens a comunidade, depois de se capacitarem fora do lugar de origem. Mais uma vez, apontam para a cidade como um lugar de oportunidades, mas aparecendo apenas como uma saída passageira.

Nesse aspecto, os jovens falam do desejo de, ao voltarem para o seu lugar, encontrarem uma comunidade preservada e intacta, principalmente no que se refere a água, fato que não é fácil de ser encontrada na cidade.

Durante o debate sobre permanência ou saída do campo o grupo estabelece uma segunda referência ao lazer, principalmente quando retratam a dificuldade de frequentar a praia de Maxaranguape, e justificam que o acesso ao transporte é um elemento de restrição que não propicia o deslocamento de um município ao outro, restando apenas o rio para essa vivência.

Assim, nessa segunda rodada de debate a questão do lazer reaparece e permeia toda a discussão, de modo que os jovens acrescentam ainda a ausência de eventos e reforçam a necessidade de respeito e união para a conquista de melhorias em sua comunidade.

4) Sonhos e projetos de futuro:

Os sonhos e os projetos de futuro estão relacionados ao lugar de origem. Para os jovens de Nova Vida, conquistar a casa própria, ter uma boa escola para que seus filhos, no futuro, possam ter uma melhor educação, já que estes(as) não tiveram esse oportunidade, são os principais sonhos.

Para os(as) jovens participantes do grupo focal, observamos que o debate em torno do tema agricultura quase não apareceu, ou seja, depois da construção do perfil, esse debate quase não foi tratado, nem mesmo ao diferenciar o jovem rural do urbano.

Dessa forma, aparece a discussão que revela um desejo de continuidade no lugar de origem, mas esse sonho não está, necessariamente, relacionado ao trabalho na agricultura. Para muitos o sonho de ter um bom trabalho e poder se expressar melhor é um desejo forte, uma vez que além da dificuldade a espaços de lazer, há também restrições no que diz respeito ao trabalho, mas afirmam com veemência que buscam outras oportunidades de trabalho para além da agricultura.

Observamos uma ponderação após a primeira afirmação de negação da agricultura como um projeto de vida. Os jovens pontuam que, na realidade em que vivem, não é possível viver apenas do trabalho agrícola, fato que os levam a buscarem outros meios de sobrevivência. Assim, colocam que, através do trabalho com a agricultura, é possível adquirir alimentos sem necessariamente comprá-los e que se esse trabalho oferecesse um condição de vida melhor, desejariam permanecer no município.

Para a maioria dos jovens, entre os sonhos está o casamento. Entretanto, para os mais novos, que denominamos aqui de adolescentes-jovens, este sonho ainda não é tão presente. Contudo, os demais enfatizam que o casamento é algo importante para constituir família e dar continuidade à história de Maxaranguape.

Entretanto, estes jovens demonstram uma visão crítica aos casamentos realizados em função de gravidez não planejada. Para eles, esta não dever ser uma razão para o casamento. A maioria afirma que este assunto só estará em seu planos após os 25 anos de idade e complementam: *filhos não são motivos para casar...alguns de nossos familiares impõem o casamento “se bulir, tem que casar”*.

Ao falarem sobre casamento, também apontam para o debate da sexualidade que é aflorada e que diferente da época de seus pais, esta pode ser vivenciada antes do casamento. Porém, fazem, por sua vez, uma crítica a eles mesmos, quando se referem ao modo de experimentar a sexualidade uma vez que nem sempre usam camisinha. Da mesma forma, atribuem ao poder público local a culpa pelo não acesso ao preservativo, porque o mesmo não o disponibiliza numa quantidade suficiente para que os jovens tenham acesso.

Por fim, os jovens de “Nova Vida” fazem uma importante reflexão crítica sobre o desejo de permanência no campo, uma vez que as condições reais do município não são propícias à permanência nesse local. Para eles, ainda é limitado à vivência de forma integral dessa fase da vida intitulada juventude, mas não descartam os sonhos de: lazer, educação, vivência da sexualidade e trabalho como perspectivas de melhorias de vida, que sinalizam, ao mesmo tempo, para uma nova realidade.

II) ASSENTAMENTO NOVO HORIZONTE II:

Desvendando as principais características locais:

O assentamento está localizado no município de Maxaranguape e é composto por 66 famílias residindo na Agrovila. A infra-estrutura é composta por uma agrovila, uma área comunitária, uma escola de ensino fundamental e um aparelho telefônico público. A água consumida atualmente pelas famílias é proveniente de uma caixa d'água com sistema de abastecimento para as casas.

Não há, no assentamento, nenhuma unidade de saúde; apenas o atendimento do agente comunitário de saúde. Quando os moradores adoecem, o deslocamento é feito para a sede do município ou para a cidade de Natal, ou seja, lugares distantes, o que torna a vida mais difícil nesse aspecto. Por outro lado, os hábitos de utilização das plantas medicinais ainda é bastante presente entre os assentados.

No tocante à utilização da água no assentamento, esta, por sua vez, não passa por um processo de tratamento adequado para o consumo.

No que se referem às famílias do assentamento, estas são bastante numerosas. A quantidade de crianças e adolescentes é significativa. Contudo, o acesso a educação apresenta como uma das dificuldades centrais o fato dos estudantes terem que se locomover para fora do assentamento em busca de uma unidade de ensino.

No que diz respeito à economia local, a base é a agricultura, tendo como elemento central o cultivo de sequeiro tradicional para subsistência plantada no período chuvoso e pelo cultivo da cultura da banana (plantada às margens do Rio Maxaranguape) e do coco. Há, no assentamento, criação de pequenos animais como, por exemplo, a galinha, porém sem preocupação de manejo.

Por fim, uma das preocupações com relação à produção, diz respeito à comercialização, ou seja, a produção originada não escoar para um mercado justo, fazendo com que o produto seja comercializado por um valor bastante inferior realizada por atravessadores.

1) Perfil dos jovens:

Esse grupo atendeu as expectativas planejadas, vieram doze participantes, sendo seis do sexo masculino e seis do sexo feminino. Nesse grupo tivemos que lidar com a presença de cinco crianças e construir um espaço a parte para que estas pudessem ficar e não interferir nas discussões.

Durante o debate, outros jovens se incorporaram ao grupo, excedendo o número inicialmente contactado, mas avaliamos que nesse caso não havia prejuízos ao debate e continuamos a coleta de dados, dividindo os participantes em dois grupos, fato que facilitou sobremaneira a interação entre os participantes e a fruição do debate em torno de determinados temas.

Desse modo, seguimos o trabalho e foi possível, a partir da fala de cada um(a), construir o quadro geral com o perfil dos(as) participante. Aqui utilizamos as expressões de como estes(as) se reconhecem:

Tabela 2: Identificação dos jovens participantes do grupo focal:

| Sexo | Idade | Escolaridade | Relação com o trabalho | Estado civil |
|-------------|--------------|---------------------------------------|-------------------------------|---------------------------|
| Feminino | 17 anos | Cursando ensino fundamental | Garçonete | Solteira |
| Masculino | 21 anos | Cursando supletivo | Agricultor | Quase junto |
| Feminino | 15 anos | Cursando ensino fundamental | Ajuda em casa | solteira |
| Masculino | 19 anos | Cursando ensino médio | Agricultor | Solteira (Está namorando) |
| Masculino | 19 anos | Ensino fundamental incompleto | Agricultor | Casado |
| Feminino | 14 anos | Cursando ensino fundamental | Trabalha em casa | Solteira |
| Masculino | 19 anos | Ensino fundamental incompleto | Agricultor | Casado |
| Masculino | 18 anos | Cursando supletivo ensino fundamental | Jardineiro do Manoa Parque | Solteiro |
| Masculino | 18 anos | Cursando ensino médio | Agricultor | Solteiro |
| Feminino | 14 anos | Cursando ensino fundamental | Ajuda em casa | Solteira |
| Feminino | 22 anos | Não mencionou escolaridade | Do lar | Casada |
| Feminino | 19 anos | Ensino fundamental incompleto | Comerciante | Casada |
| Masculino | 17 anos | Ensino fundamental incompleto | Agricultor | Solteiro |
| Masculino | 21 anos | Não respondeu | garçom | Casado |

Durante o processo de apresentação dos jovens nos chamou bastante a atenção o desestímulo de uma jovem, ao afirmar: “A única solução é a agricultura, enquanto não se arranja nada fora”. Não houve concordância imediata sobre essa afirmação, mas olhares de constatação que essa é uma questão que faz parte de suas realidades e que merece ser discutida. De tal modo, que este foi o fio condutor do debate nesse assentamento.

Entretanto, passaram a outro importante tema que revela o perfil dos jovens e uma de suas principais preocupações: a relação com o casamento. Sobre essa discussão vários elementos permearam o debate: amor, ter sua própria casa, assumir um “vacilo”.

Em geral, tratam a questão como a necessidade de uma responsabilidade a ser assumida, mas levantam alguns questionamentos no que se refere à sexualidade, ou seja, para os jovens, esse debate não é enfrentado pelo município como política pública que garanta atenção especializada a este segmento.

Para os jovens, é preciso pensar numa política integral que possibilite o contato com a terra, ou seja, possibilidades mais dignas de trabalho, bem como a valorização e respeito às necessidades específicas, sendo uma delas a sexualidade.

2) Ser Jovem (rural):

Para o grupo, ser jovem rural implica além do trabalho no campo, mas também o direito a espaços de lazer. Esta dimensão foi ilustrada pelos jovens ao apresentarem como símbolos de sua juventude o campo de futebol e um salão para a prática de capoeira.

Afirmaram, ainda, que os jovens do campo são mais tranquilos, uma vez que a vida no campo tem mais paz e mais contato com a natureza. Além disto, consideraram o campo um ambiente mais saudável do que a cidade, uma vez que o contato com a natureza os distancia da poluição.

Para o grupo, o estudo diferencia os jovens urbanos dos rurais, uma vez que é mais fácil o acesso dos jovens urbanos ao estudo, fato que gerou um grande debate entre as diferenças urbanas e rurais.

Assim, neste grupo foi desenvolvida uma calorosa discussão sobre acesso a bens e serviços e, em alguns momentos, apareceu uma visão de que a cidade é lugar melhor de se viver, pelo menos para a juventude: “Os jovens da cidade têm de tudo”.

O debate instigou o grupo a interagir e, por isto, trouxe novos elementos do significado do que é ser jovem rural. Tal ponto, de fato, foi questão de muito debate, mas o exercício de reflexão sobre o que é ser um jovem rural aponta para as características do lugar onde se vive:

Os jovens do interior são criados nas antigas, nas formas antigas de educação. Nós aprendemos a trabalhar logo cedo e a gente respeita mais a família da gente. Na cidade se usa muita droga, aqui não, se brincar os mais velhos usam mais drogas do que os jovens (jovem participante do grupo focal)

Refletem, no entanto, que existem muitas características comuns entre jovens do campo e jovens da cidade, como as roupas, o gosto pelo esporte, dança etc. Para nós, esse é um elemento importante, pois conseguem apontar o jovem de forma diversa ou o mosaico, como sugere NOVAES(2005).

O grupo afirma que o jovem de maneira geral deveria ter acesso à cultura e que a capoeira é uma arte tanto do jovem do campo, quanto da cidade, mas que há muito

preconceito e pouco incentivo a essa arte, principalmente quando se trata de jovem rural.

Essa discussão aponta para pistas sobre uma contribuição conceitual sobre as juventudes, numa perspectiva plural e multifacetada, mas com acesso a bens e serviços ainda restritos.

3) Saída ou permanência:

O debate sobre a saída ou a permanência no município se deu em função das principais vantagens que os jovens vêem no local onde vivem, como ter um posto de saúde na própria comunidade, bem como a afirmação de que a escola é uma das coisas mais importantes na comunidade.

Ficar no município e cuidar da família é um vínculo que o grupo demonstra sobre a perspectiva de permanência no campo. Contudo, elucidam uma série de dificuldades de permanência no campo como: necessidade de chuva; aproximar o turismo do assentamento; valorizar outros tipos de trabalho a exemplo da produção de bolos e bolachas caseiras feitas por algumas das famílias destes jovens; dificuldades enfrentadas no exercício do plantar e colher.

Ao elucidarem esse conjunto de dilemas, afirmam que gostam do lugar de origem. Dizem, então, que se seus direitos fossem garantidos, esse seria o melhor lugar para se morar.

4) Sonhos e projetos de futuro:

A discussão sobre sonhos e desejos, foi realizada a partir da utilização de símbolos criativos, como colagens, desenhos etc. Estes símbolos demonstraram como elemento chave a perspectiva de continuidade dos processos sucessórios no campo.

Assim, alguns registros são fundamentais nessa identificação: Desejo de ser professora e assumir isso como um projeto de futuro; ter uma casa e constituir família; possibilidade de estudar mais e adquirir novos conhecimentos; o desejo de espaços de lazer; alimentação de qualidade depois da jornada de trabalho que muitas vezes têm que enfrentar; a cultura popular como possibilidade de um título de “doutor”.

Por fim, o grupo demonstra caminhos e alternativas por meio dos seus sonhos, a exemplo dos capoeiristas presentes, que falam na possibilidade de que outros dêem continuidade à capoeira no município, tornando o lugar mais valorizado, pelo menos do ponto de vista cultural.

III) ASSENTAMENTO SÃO JOÃO:

Desvendando as principais características locais:

O assentamento São João está localizado nos municípios de Ceará-Mirim e Maxaranguape, às margens do Rio Maxaranguape, com 40 famílias. É um assentamento recente com dois anos de existência. As famílias assentadas vêm de um processo de luta pela terra, tendo ficado por três anos acampados, lutando pela desapropriação da fazenda. No que se refere à organização comunitária do assentamento, as famílias estão ligadas à associação de moradores que encaminha os projetos produtivos e de infraestrutura, estabelece o diálogo com o poder local, faz parcerias com entidades e outras organizações da sociedade civil.

A infra-estrutura do assentamento é precária e está em processo de construção. No momento, as famílias dispõem de agrovila, energia elétrica e água de cacimba. Quanto ao acesso à educação, as crianças e jovens se deslocam num ônibus da Prefeitura para as escolas das comunidades vizinhas, pois na comunidade não tem escola.

No que se refere à saúde, as famílias utilizam os serviços da comunidade São Miguel e a sede do município ou, ainda, esperam a visita dos profissionais do PSF (Programa Saúde na Família), no assentamento, uma vez no mês.

Quanto à produção agrícola, o assentamento possui uma área de paul com culturas de subsistência (hortaliças, macaxeira, milho, feijão, mandioca etc), cultivo de fruticulturas nos quintais e arredores (caju, banana). O solo é fértil e rico, sendo, portanto, propício à produção agrícola. Em relação à criação de animais, as famílias criam bois. Atualmente, as famílias estão inseridas no Programa de Assessoria Técnica Social e Ambiental – ATEs, financiada pelo INCRA/Governo Federal. Por meio deste, dispõem de uma equipe de assistência técnica composta por dois agrônomos, um técnico em Agropecuária e uma assistente social.

1. Perfil dos jovens:

O debate sobre o perfil dos participantes se deu a partir de um “desenho” sobre quem são, idade, escolaridade, relação com o trabalho, como veremos na tabela abaixo:

Tabela 3 – Identificação dos jovens participantes do grupo focal

| Sexo | Idade | Escolaridade | Relação com o trabalho | Estado Civil |
|-----------|-------|-----------------------------|------------------------|--------------|
| Masculino | 19 | Ensino Médio Completo | Agricultor | Solteiro |
| Masculino | 19 | Cursando ensino fundamental | Agricultor | Solteiro |
| Masculino | 14 | Cursando ensino fundamental | Paú / agricultura | Solteiro |

| | | | | |
|----------|----|-----------------------------|---------------------|----------------------|
| Feminino | 15 | Cursando ensino fundamental | Doméstica | Solteira |
| Feminino | 14 | Cursando ensino básico | Agricultora | Solteira |
| Feminino | 17 | Cursando ensino médio | Serviços domésticos | Solteira |
| Feminino | 23 | Ensino Médio completo | Serviços domésticos | Solteira / namorando |
| Feminino | 12 | Cursando ensino fundamental | Serviços domésticos | Solteira |

No grupo, uma das participantes tem apenas 12 anos de idade, mas já é inserida no grupo de jovens e é reconhecida como tal pelos outros jovens. Ela também se considera jovem e a equipe de pesquisa decidiu por sua participação nas atividades da pesquisa, uma vez que consideramos a dimensão subjetiva: o sentir-se jovem, como fundamental para a compreensão das juventudes.

Em geral, esse grupo todo é envolvido com a agricultura familiar, embora só os homens afirmem ser agricultores. Porém, durante o debate, as mulheres jovens afirmam que trabalham nos serviços domésticos e esse é um apoio ao trabalho direto no campo.

Nesse grupo há um debate forte acerca da divisão das tarefas no interior das famílias. Em geral, as moças colocam como dificuldade o fato de todo o trabalho doméstico ficar a cargo delas.

Os homens não ajudam em nada, mas querem tudo pronto. Acho que eles precisariam morar só por um tempo para aprenderem a se virar (jovem participante do grupo focal)

Esse debate aponta para uma discussão das diferenças entre jovens urbanos e rurais. No entanto, em geral, os rapazes afirmam sua inserção no trabalho agrícola, mas falou das muitas dificuldades com relação a este trabalho. Para alguns, os jovens da cidade, são melhores do que os do campo, uma vez que têm mais oportunidade de acesso a bens e serviços.

2. Ser Jovem (rural):

Nesse grupo, o debate sobre o que é ser jovem, foi iniciado através de um olhar sobre si mesmo. Para tanto, foram introduzidas as seguintes indagações: Como se percebem jovens? Quais são as principais experiências dos jovens?

Ao responderem as indagações relacionam ao trabalho que desenvolvem na agricultura, a necessidade de melhores oportunidades e afirmam outras possibilidades como fazer cursos para entrar no “mundo adulto” com mais oportunidade de escolha. Esse debate é fundamental para pensarmos uma definição para a juventude, ou seja, estes possuem uma matriz e uma relação direta com o trabalho agrícola, mas pensam o seu lugar a partir de outras possibilidades.

Outros descontraem a relação e afirmam que ser jovem é namorar, praticar esporte, jogar futebol (atividade preferida de rapazes e moças), dançar e viajar.

Para estes, embora sejam elementos inerentes à fase da vida – juventude - nem sempre conseguem viver todas essas coisas que os identificam enquanto jovens, principalmente no que se refere à possibilidade de viajar e conhecer novos lugares.

Mais uma questão que aponta a necessidade de se pensar o jovem de maneira mais integral, levando em conta suas necessidades, mas também seus desejos.

Para o grupo, ser jovem e viver a juventude é ter acesso ao lazer, à cultura e à informática, possibilidade de estudar mais e até fazer cursos vinculados ao mundo rural. Estes anseios apresentam indícios de que não desejam necessariamente sair do espaço rural, mas almejam a possibilidade de realizar atividades que venham fortalecer seu universo profissional, mas também o social.

Os jovens falam ainda de aspectos do local onde vivem acerca das características juvenis: participar de ações na sede da associação, pegar ônibus do estudante para ir à escola, andar de carroça e principalmente namorar.

3. Saída ou permanência:

O debate em torno da permanência ou saída do meio rural, relaciona-se com as afirmações dos jovens dos outros assentamentos, ou seja, os laços com o lugar de origem são fortes, mas muitas vezes pensar em sair para encontrar melhores oportunidades pode ser um caminho, mas não deixando de lado a possibilidade de retorno.

Assim, podemos compreender que nem sempre é desejo dos jovens sair do campo, na maioria das vezes esse é um ato “involuntário” na busca por melhores condições de vida.

Por outro lado, nesse grupo identificamos um discurso mais forte no que se refere à permanência no assentamento, da luta empreendida por sua família para a conquista da terra e da organização social que possuem. Para os jovens, não se pode pensar em sair, deixando de lado toda trajetória empreendida por sua família, nem desconsiderar as conquistas, como o fato de serem assentados e terem terra para trabalhar. Essa é uma questão que simboliza um envolvimento maior desse grupo no que se refere à luta pela terra.

O debate trilhou ainda outros caminhos, ou seja, jovens apontam para o desejo de investimento na arte e na cultura, principalmente na música, com o intuito de garantir possibilidades mais amplas de permanência no espaço rural.

4. Sonhos e projetos de futuro:

Quanto aos sonhos e projetos de futuro, todos os jovens do grupo apontaram a educação como uma necessidade; associada a ela vem o desejo de acesso à internet, o desejo de ajudar a família, esperança de um mundo melhor, ficar na terra e valorizar a luta da família, sair para estudar e voltar a morar no local e trabalhar em coisas que fortaleçam a comunidade.

Esse bloco de reflexões apontadas pelos jovens, reflete que sair do município, não é um ato voluntário e natural, uma vez que sinalizam para um cenário com mais oportunidades de escolhas, que garantam sua continuidade com mais qualidade de vida.

O sonho com a profissionalização está presente no relato de quase todos os jovens, porém muitos relatam que o meio rural precisa de incentivo nesta área, sobretudo por meio de incentivos complementares à formação acadêmica, como por exemplo, por meio da instalação de escolas de informática. Por outro lado, está presente ainda o sonho de desenvolver um trabalho técnico relacionado ao rural, como ser veterinária só para citar um exemplo.

Considerando os temas enunciados e a relação destes com o fortalecimento dos laços com o lugar de origem, é possível afirmar que entre os jovens permanece o desejo de continuar no lugar de origem e, sobretudo, desejo este evidenciado também pelo respeito e valorização do assentamento com acesso a bens e serviços.

IV) COMUNIDADE DE SANTA ANA:

Desvendando as principais características locais:

A comunidade de Santa Ana está localizada na divisa do Município de Maxaranguape com o município de Pureza. É uma comunidade formada por pequenos agricultores familiares que sobrevivem, principalmente, das culturas de subsistência e da produção de frutas nativas, a mangaba.

A comunidade dispõe de uma infra-estrutura básica para a vida dos seus moradores, sobretudo em relação aos serviços de acesso a água e energia elétrica. Entre estes serviços, na comunidade existe um posto de saúde, porém não identificamos nenhum serviço direcionado para o público juvenil.

Acerca da educação, o serviço na comunidade é restrito a uma escola de ensino fundamental e não dá conta de atender as demandas locais.

A principal fonte de renda é a agricultura; associada a ela está o serviço público e as aposentadorias.

Com o rio Maxaranguape passando pela comunidade, as famílias podem usufruir desse potencial hídrico, cultivando macaxeira, feijão, milho, batata, hortaliças, verduras, legumes e frutas.

Na comunidade não há equipamentos sociais para o lazer e o exercício da cultura. Os moradores dispõem apenas do campo de futebol, da igreja e das festas comunitárias da circunvizinhança. Esses últimos elementos são fundamentais na vida dos jovens da comunidade, uma vez que são um importante aporte da sociabilidade juvenil.

1. Perfil dos jovens:

Nessa comunidade, subdividimos o grupo em três, uma vez que, mesmo tendo selecionado os participantes e tendo feito o convite a um grupo menor, apareceram 37 jovens.

Dessa forma, organizamos três ambientes e distribuímos a equipe de pesquisa que, em função dos grupos anteriores, já tinha um maior domínio da técnica, fato que propiciou a coleta de dados.

Nesta comunidade, a divisão do grupo e a incorporação de outros membros fora do perfil estabelecido fez-se necessária, em virtude de termos que incorporar todos ao grupo focal, uma vez que para estes, além de ser um espaço de debate, era, ao mesmo tempo, um espaço de lazer, diante das limitações existentes na comunidade. Estes participantes expressaram a possibilidade de participação no grupo focal, como “um dia diferente” na comunidade, de forma que tivemos que ter sensibilidade para compreender que restringir o grupo apenas aos participantes convidados, poderia gerar um transtorno maior, ou seja, a não realização da coleta de dados na referida comunidade.

A participação de gerações diferentes nas diferentes atividades propostas na comunidade é bastante comum, bem como nos diversos espaços de discussões. Assim, fizemos uma sistematização diferenciada das informações levando em consideração essa diversidade, com o intuito de facilitar a organização das mesmas.

Entretanto, a maioria dos participantes eram jovens agricultores, estudantes do ensino fundamental, poucos tendo concluído o ensino médio.

Em relação aos laços de conjugalidade e afetividade, poucos casados com uma média de um filho por família. Em geral, são solteiros e estão namorando, com idade entre 15 e 23 anos.

Quanto à participação em organizações da sociedade civil, um aspecto relevante é a participação em grupos juvenis, principalmente os grupos de jovens da igreja católica. O grupo afirma a participação nesses grupos como fundamental para a organização da comunidade.

2. Ser Jovem (rural):

Para os jovens participantes do grupo focal em Santa Ana, o debate acerca do significado de ser jovem foi expresso pelo desejo de adquirir um emprego e ingressar na faculdade. Essa afirmação nos ajuda a refletir um dos enfoques conceituais acerca da definição de juventude, ou seja, fase de mudanças físicas e psicológicas, bem como de escolhas com relação ao futuro.

Entretanto, esses desejos muitas vezes não se materializam em seu cotidiano, em função das dificuldades de acesso a bens e serviços que oportunizem suas vivências em atividades diversas.

De modo geral, o grupo levantou que as oportunidades de lazer vivenciadas na comunidade são festas muito freqüentadas pelos jovens, ou seja, para eles ser jovem é poder jogar futebol e participar das festas na comunidade e vizinhança.

3. Saída ou permanência:

Os jovens de Santa Ana expressaram no debate um forte contato com o trabalho agrícola, relacionados às experiências no meio rural, no trabalho junto aos pais no pequeno lote e em regime de agricultura familiar. Apesar de afirmarem gostar do trabalho na agricultura, eles demonstraram a vontade de sair do mundo rural por falta de terra, crédito, geração de renda e poucas oportunidades de acesso à tecnologia e estudo de qualidade.

Um ponto que nos chamou a atenção e que foi bastante recorrente no debate, foi a imagem alimentada pelos jovens, de que a cidade é o lugar do progresso, como sinônimo da dicotomia urbano/rural. Apesar de ser um grupo grande e diverso, não observamos questões conflitantes, pois a maioria expressou através de figuras, imagens diversas da cidade: prédios, computadores, pessoas com paletó etc. A discussão expressou a vontade de ter as oportunidades e as vantagens de viver na cidade.

Tal fato não simboliza um desejo de rompimento com o campo, ou seja, durante o debate, os jovens argumentavam que se tratava do desejo de terem no campo mais oportunidades e como essas não existiam, acabava recorrendo ao urbano, pelo menos no campo de suas idealizações.

Entretanto, o depoimento dos jovens apresenta as dificuldades de viver da agricultura. Eles/elas dizem que estudam e se esforçam para concluir o ensino médio e depois não sabem o que fazer, para a continuidade ao seu processo de aprendizado ou como conseguir um emprego. Mesmo diante das dificuldades elencadas, expressam um cuidado com o lugar onde vivem e falam da destruição do meio ambiente e das doenças que têm que enfrentar no cotidiano como consequência do manuseio predatório dos ecossistemas.

Apesar de falarem que gostam de trabalhar na agricultura, uma polêmica instalada nesse grupo, se deu em função de alguns desses jovens não se considerarem agricultores. Sem lazer e sem oportunidade de outros conhecimentos e tecnologias, os jovens têm apenas a escola e o grupo de jovens da Igreja Católica para discutirem seus problemas e descobrir o mundo.

4. Sonhos e projetos de futuro:

Os sonhos expressos pelos jovens, em um primeiro momento, expressam a realidade da cidade: ter carro, celular, apartamento, ser cantora, dançarina, passear no shopping. Entretanto, com o debate, outros desejos apareceram. A seguir apresentamos alguns trechos em que os jovens enfatizam suas perspectivas:

Não há preparação para viver na agricultura, estuda-se muito para terminar o II grau e depois vai viver do cabo da enxada. Isso não é vida para ninguém” (jovem participante do grupo focal de Santa Ana).

A gente quer progredir, mas aqui nem *lan house* tem. (jovem de Santa Ana).

É bom plantar pra gente, trabalhar para os outros não é. A gente vive da agricultura e produz alimentos, esse é o meu sonho”.
(jovem participante do grupo focal de Santa Ana)

Todos nós vivemos em torno do roçado, somos filhos de agricultores, mas não tem investimento. Sonho com uma vida melhor. (jovem participante do grupo focal de Santa Ana)

Os jovens do campo precisam de cursos para investir na agricultura e ter um futuro melhor. (jovem participante do grupo focal de Santa Ana)

A vida é muito boa e nós precisamos aproveitar muito ela. Eu quero concluir meus estudos, pensar no meu futuro e no do meu filho. Quero trabalhar, fazer um curso de computação, fazer uma faculdade. Estudar muito para ser uma grande escritora, quero ter uma vida melhor para mim e penso no meu filho. Quero ser feliz.
jovem participante do grupo focal de Santa Ana)

Quero trabalhar fora, mas voltar para minha comunidade todos os dias. Quero continuar professora. Meu sonho é ver nossa escola melhor, com computadores para todos terem acesso e bolsa de estudo para os jovens terminarem seus estudos. (jovem participante do grupo focal de Santa Ana)

A partir desses trechos, o grupo elucidou uma série de questões. Dentre estas, podemos citar: concluir os estudos e fazer faculdade; ser um grande profissional e ajudar a família; continuar morando na comunidade, apesar da poluição que as agroindústrias têm provocado ao meio ambiente; fazer um curso de informática; que em Maxaranguape possa existir uma faculdade; fazer um curso de língua estrangeira; fazer cursos técnicos relacionados a suas necessidades, como o de enfermagem e direito; poder se especializar em alguma área; ser biólogo, ser desenhista; fazer um curso profissionalizante para ter uma vida financeira e um futuro melhor; ser soldado; ser advogado, doutor ou professor; ser farmacêutico; desejo de um futuro melhor para os filhos; desejo de montar o próprio negócio e ser jogador de futebol.

Os sonhos, desejos e projetos de futuro expressos pelo grupo são diversos e aparentemente com pouca relação com o campo, mas apesar do conflito estabelecido pela falta de incentivo que proporcione a permanência no meio rural muitos trouxeram outra vez para o debate, o desejo sobre a saída e permanência no campo. Tal questão se apresentou nesse grupo de maneira que em geral, mesmo os que desejam sair, sonham, ao mesmo tempo, em poder voltar para a tranquilidade da vida em sua comunidade.

Mais uma vez, retorna a questão de que o êxodo rural, não é algo apenas espontâneo ou voluntário, de que os jovens desejam desvendar novos mundos, apesar do interesse de ter acesso a novas realidades. Essas questões ganham força em seus projetos de vida pelas dificuldades concretas de permanência no campo, bem como do reconhecimento de que o rural não se limita ao trabalho agrícola e que podem contribuir com sua comunidade, seja em que profissão for, caso recebam apoio para isso.

Estas e outras questões apontam para a necessidade de se pensar novas estratégias que possibilitem acesso a políticas públicas juvenis que incorporem essa diversidade de acordo com suas reais necessidades.

4- Discussão.

O ato de elaborar é sempre um desafio, mas, para nós, o principal desafio foi o de contribuir conceitualmente ou pelo menos, sugerir elementos que tragam aportes conceituais sobre a compreensão da diversidade juvenil e, particularmente, daquela do rural e sua perspectiva de mundo.

Assim, o trabalho realizado através da técnica de grupos focais, proporcionou uma riqueza de debates, que oportunizou aos jovens a pensarem sobre sua condição juvenil, seu contexto social, cultural e econômico, despertando o olhar para um campo ou um rural sem oportunidades para o atendimento de suas reais necessidades e desejos.

Há, todavia, uma forte expressão com o trabalho na agricultura familiar, mas, apesar do apego ao lugar de origem, analisamos que entre os sonhos dos jovens, há uma infinidade de desejos que pensam o rural para além do mundo agrícola.

Esses elementos nos estimulam a continuar discutindo e aprofundando a temática juventude rural, uma vez que para a realização dessa pesquisa, nos debruçamos sob uma realidade de dificuldades de definição teórica, bem como uma restrita bibliografia que tratasse da especificidade do tema.

Para nós, esse trabalho abre um leque de possibilidade de pensar a juventude rural e, sobretudo, a juventude nos assentamentos que, como todo e qualquer jovem de sua geração, que ter acesso a serviços que proporcionem o desenvolvimento das práticas inerentes às principais dimensões da vida: lazer, educação e trabalho.

Apesar do tempo estabelecido para a realização da pesquisa, pensar um mapeamento, estimula-nos a pensar outras questões como o impacto de programas e projetos voltados para jovens em sua comunidade, adequação desses programas a suas realidades, níveis de participação desses jovens etc.

Entretanto, utilizamos outros aportes e seguimos um caminho distinto, que certamente, se desejamos aprofundar o debate sobre o mundo juvenil com mais profundidade, levaremos essas questões para um debate posterior.

A técnica utilizada, como já mencionada, favoreceu a discussão entre os participantes, bem como o entrosamento já existente entre os jovens, por fazerem parte de uma mesma comunidade e estarem muitas vezes em um mesmo grupo. Mas as interferências externas de adultos ou crianças, presentes no local de realização dos encontros, muitas vezes, dificultou uma maior expressão dos participantes.

Buscamos seguir as orientações sugeridas para o uso da técnica, mas o fato de se tratar de uma realidade complexa, com poucos espaços de lazer e diversão, a realização de encontros como esse se tornavam “um acontecimento” no local de realização.

O calendário de trabalho, estudo e festividade, também foi um elemento dificultador, bem como o acesso as comunidades em dias de chuva. Das muitas idas e vindas, tanto na preparação dos encontros, quanto na execução desses, nos possibilitou um maior acompanhamento e percepção das comunidades pesquisada, fato que consideramos relevante na pesquisa

Na equipe de pesquisa, contamos com pessoas do Centro de Educação e Assessoria Herbert de Souza, que além do contato já existente com as comunidades pesquisadas, são profissionais que atuam na área e já possuíam domínio da metodologia utilizada, uma vez que além de técnicos, são estudiosos do tema. Nessa mesma linha também os outros integrantes e colaboradores da Rede de Jovens do Nordeste que contribuíram com a facilitação da coleta de dados e com as reflexões conclusivas, sempre relacionando o aporte teórico à realidade analisada.

Assim, as reflexões empreendidas para a análise das informações coletadas apontam para a necessidade de pensar a juventude e suas questões gerais como aquelas relacionadas ao lazer e à qualidade de vida, mas também, pensar nas especificidades relacionadas ao acesso a trabalho e em condições de permanência no campo.

A relação com a agricultura ainda nos pareceu um tema pouco discutido, apesar de termos identificado um número expressivo de jovens no trabalho agrícola, a maioria não pensa sua continuidade no campo, apenas no trabalho agrícola propriamente dito. Mesmo assim, levam outras questões e dimensões como o turismo, maiores conhecimentos técnicos e profissionalizantes para os oportunizarem a permanência em seu lugar de origem.

A questão sobre a participação é um tema tratado ainda com pouca profundidade, embora se reconheça a importância, este tema não se efetivou nos debates. Contudo, ressaltamos que este foi debate, principalmente, relacionado aos enfrentamentos a favor da luta pela terra, fato que torna o debate da participação primordial para as ações coletivas.

Por fim, sabemos que ainda há vários elementos que podem ser aprofundados e que poderão ser através da utilização de outras técnicas como a história de vida, mas que é preciso, para tal, uma pesquisa de mais aprofundada, que poderá ser desenvolvida posteriormente. Pelo menos, esse é o nosso desejo.

Conclusões

A pesquisa buscou identificar um debate em torno da construção conceitual do que denominamos juventude rural, com vistas a evidenciar um “leque” de informações para possibilitar a ampliação do debate sobre essa categoria social, ainda fluida e imprecisa, no cenário brasileiro.

Para nós, a pertinência do tema recai como um importante elemento aglutinador do debate, mas, ao mesmo tempo, um grande desafio que é trabalhar com uma categoria “em construção”, “invisível” e, em alguma medida, com um campo bibliográfico restrito, principalmente se a nossa referência são as particularidades das experiências do Nordeste e do Estado do Rio Grande do Norte, como as que refletimos neste trabalho.

Esse tema se apresenta, não apenas pertinente para a academia, mas ao mesmo tempo, de grande importância para os movimentos juvenis e para as diversas entidades da sociedade civil, como as que tivemos contato durante a execução da pesquisa. A exemplo, o Centro de Estudos e Assessoria Hérbert de Souza – CEAHS e Rede de Jovens do Nordeste- Núcleo do Rio Grande do Norte – RJNE /RN.

Assim, a construção do tema juventude rural ligada ao contato com a terra e com o trabalho na agricultura familiar tem uma forte relação para os jovens que foram sujeitos dessa pesquisa, mesmo levando em consideração que nem todos possuem o desejo de permanecer na condição de “jovens rurais”, ou pelo menos jovens agricultores.

Para os jovens, esse debate é expresso através, não apenas do contato com o trabalho rural, mas também do processo de sociabilidade, formação de laços afetivos, possibilidades de novos aprendizados, valorização do meio rural e suas potencialidades, atividade turísticas e culturais. Da possibilidade de ser jovem no meio rural com acesso a bens materiais e culturais, historicamente negados, bem como de construir novas possibilidades através da educação, especialmente.

Assim, as experiências dos jovens são fundamentais à existência de uma condição juvenil entendida como sujeito de direitos, sendo uma responsabilidade dos Governos um novo olhar ao tratar a juventude rural, principalmente quando apontam elementos vinculados ao esporte, lazer, sociabilidade (namorar, espaços de diálogo específicos, espaço para dançar etc) qualidade de vida, mas também, a possibilidade de inserção no mercado de trabalho.

Os resultados no campo da participação ainda ficaram tímidos no debate como um todo. Registramos a integração destes jovens às associações, sindicatos, grupos de igreja etc. Mas, do ponto de vista de debate em torno da organização juvenil como uma marca do que é ser jovem, não foi identificado como um ponto forte, mesmo tendo surgido a necessidade de organização para a conquista de direitos.

Entretanto, ao dialogarmos sobre a entrega desses resultados ao poder público, foi possível perceber um “entusiasmo” no grupo, que apontou esta possibilidade como um importante elemento para o acesso aos direitos na cidade, ou seja, como um

momento de apresentação das principais problemáticas e necessidades dos jovens rurais de Maxaranguape.

Uma outra questão que consideramos relevante é que uma parcela dos jovens participantes dos grupos focais, vincularam meio ambiente a cuidado e permanência na terra, tornando o tema importante nos seus projetos de vida. Esse elemento foi relacionado à participação nos processos de construção da Agenda 21 local, que é, por sua vez, um espaço também de participação da juventude que estes realçaram ao falar sobre a participação no interior das associações e organizações diversas. O mesmo foi destacado também nos documentos analisados, em que foi possível constatar diversos elementos relativos à realidade local e necessidade de organização comunitária, participação política e políticas públicas.

Nesse sentido, é possível analisar que a participação desses jovens nos espaços de decisão, ainda é um grande desafio, que deve ser considerado pelo poder público, mas também pelas entidades da sociedade civil, uma vez que permanecem no campo, sugere um debate em torno da sucessão.

Quanto ao debate em torno da luta pelo acesso a direitos também requer um pacto intergeracional entre os diversos atores políticos, ou seja, é necessário que esta questão seja valorizada em função da história de luta dos assentamentos.

O grupo trouxe ainda especificidades do município no que se refere ao mercado de trabalho, ou seja, o turismo. Diante disso, apontam a necessidade de que esse outro aspecto como o potencial turístico do município, esteja presente nas possibilidades de oportunidade de trabalho para os assentamentos, principalmente para os jovens que ali vivem.

Essa diversidade de elementos que envolvem os jovens de Maxaranguape, participantes dos grupos focais, nos apresenta ainda elementos de constituição de uma juventude multifacetada, mas que apesar de desejos distintos, sugere um compromisso com o lugar de origem. Podemos, ainda, discutir a importância de pensarmos esses sujeitos de forma integral, com elementos da subjetividade que são fundamentais para se pensar políticas públicas específicas, aspectos que fortalecem a idéia de juventudes.

Deste modo, destacamos o lugar dos sonhos, desejos e projetos de futuro como centrais para orientar tal debate em vários aspectos. Em primeiro lugar, a necessidade de valorização do debate em torno do acesso a bens e serviços como um importante canal identificado através do sonho de um trabalho digno, do acesso à educação de qualidade, saúde, vivência da sexualidade, valorização da cultura popular.

Quando os jovens falam em permanecer no campo, não é apenas permanecer no espaço rural, mas no assentamento, na comunidade, vivenciando profissões distintas, que atendam seus desejos e necessidades.

Assim, pensar em políticas públicas, de acordo com a perspectiva identificada nesse ou nos mapeamentos, é ao mesmo tempo, identificar novas estratégias de atendimento às demandas juvenis no campo que, por sua vez é diversa, mas com pistas que podem orientar ações de políticas públicas específicas.

Neste sentido, as questões apontadas pelos jovens, principalmente o seu olhar sobre o lugar onde vivem, apontam para um entendimento de que o êxodo rural, não é uma questão voluntária, e, portanto, não deve ser naturalizada em função de “antigos” padrões dicotômicos, campo/cidade. Mas, sobretudo, são elementos significativos para que possamos pensar o rural a partir de novos enfoques, com acesso a bens e serviços historicamente negados.

Referências bibliográficas

- ABAD, Miguel. **Crítica política das políticas de juventude in Políticas Públicas: Juventude em Pauta.** Ação Educativa, Fundação Friedrich Hebert, Editora Cortez. São Paulo, 2003.
- ABRAMO, Helena Wendel. **Participação e organizações juvenis.** Fundação Kellogg. 1998.
- ABRAMO, Helena Wendel. NOVAES, Regina (consultoria especial). **Projeto Juventude: Documento de conclusão.** Instituto de Cidadania, 2004.
- ABRAMO, Helena Wendel, BRANCO, Pedro Martoni. **Retratos da juventude brasileira; análises de uma pesquisa nacional.** São Paulo, Fundação Perseu Abramo, 2004.
- ALANTEJANO, Paulo Roberto R. **Pluriatividade: uma noção válida para a análise da realidade agrária brasileira.** EDIUPF, 1999.
- ABRAMOVAY, Ricardo *et alii.* **Juventude e Agricultura Familiar: desafios dos novos padrões sucessórios.** Brasília: UNESCO, 1998.
- ABRAMOVAY, Miriam *et alii.* **Juventude, violência e vulnerabilidade social na América Latina,** UNESCO, BID, Brasília, 2002.
- Atlas de Desenvolvimento Humano,** PNUD / IPEA/FJP.2005
- BASTOS, Fernando. **Ambiente Institucional no financiamento da Agricultura Familiar.** Editora Polis, CERES –Centro de Estudos Rurais –IFCH – UNICAMP. São Paulo, 2006.
- BRANDÃO, C. R. **O afeto da terra,** Campinas, Ed. Da Unicamp, 2000
- CAMARANO, Ana Amélia *et alii.* **Caminhos para a vida adulta: as múltiplas trajetórias dos jovens brasileiros.** Brasília, IPEA, 2003
- CAMARANO, Ana Amélia. **Jovens e idosos nordestinos: exemplos de trocas intergeracionais?** Rio de Janeiro, IPEA. 2004
- CARNEIRO. M. J. **O ideal Rurbano: Campo e cidade no imaginário de jovens rurais in Mundo Rural e Política: Ensaio interdisciplinares.** Ed. Campus/Pronex, 1999.
- _____. **Juventude Rural: Projetos e valores in Retratos da Juventude Brasileira: Análises de uma pesquisa nacional.** Instituto de Cidadania/Fundação Perseu Abramo. SP, 2005.
- _____. **“Ruralidades: novas identidades em construção”** Estudos, sociedade e agricultura, UFRRJ, n° 11 out. 1998,
- _____. **“Pluriatividade: uma resposta á crise da agricultura familiar” e “Urbanização e sociabilidade na aldeia”** Camponeses, agricultores e plriatividade, Rio de Janeiro, Contracapa, 1998.
- CARRANO, Paulo. **Juventude e Políticas Públicas no Brasil.** Ediciones CIDPA. 2003.

CASTRO, Elisa Guaraná de. **Sonhos, desejos e a “realidade”:** herança, educação e trabalho de “jovens rurais” da Baixada Fluminense/RJ. Rio de Janeiro. JUBRA, 2004.

_____. **Juventude rural: “apenas uma palavra” ou “mais que uma palavra”.** Caxambu, ANPOCS, 2005

CONTAG, UNICEF. **Relatório da Pesquisa “A Voz do/a Adolescente E Jovem Rural”,** ano,

DELGADO, Guilherme da Costa. **Capital Financeiro e Agricultura no Brasil.** São Paulo: Editora da UNICAMP e Ícone Editora, 1985.

DEMO, Pedro. **Participação e conquista.** São Paulo: Cortez, 1996.

DIEESE. **A ocupação dos jovens nos mercados de trabalho metropolitanos. Estudos e Pesquisas,** ano 3, nº 24. 2006

GERMER, Claus M. **A irrelevância prática da Agricultura “familiar” para o emprego agrícola.** Revista da ABRA, v.3, n. 1, jan/abril. 2002 pág. 47-61,

GOMES, Aldenor da Silva. **A dimensão urbano rural e as novas ruralidades in Brochura O Município no Século XXI.** Base de Pesquisa Estado e Políticas Públicas/UFRN, 2001,

HOFFMANN, O. **“La movilizaci3n identitaria y el recurso de la mem3ria Nariño, Pacífico Colombiano, Mem3rias Hegem3nicas, mem3rias disidentes: el pasado como pol3tica de la historia (orgs. Crist3bal Gnecco e Marta Zambrano).** Instituto Colombiano de Antropologia e Historia, 2000, pppp

MARTINS, Jos3 de Souza. **Expropriaç3o e Viol3ncia: A Quest3o Pol3tica no Campo.** São Paulo: Editora Hucitec, 1991.

MINEIRO, Fernando. **O Perfil dos Munic3pios – Cd-rom.** 2004.

MORAIS, Marcus C3sar Cavalcanti. **Terras Potiguaras.** Din4mica Editora, RN, 1998.

NOVAES, Regina. **Juventudes cariocas: mediaç3es e encontros culturais.** Ed. UFRJ, Rio de Janeiro, 1997.

NOVAES, Regina; VANNUCHI, Paulo (org.) **Juventude e Sociedade: trabalho, Educaç3o, Cultura e Participaç3o. Instituto de Cidadania.** Editora Fundaç3o Perseu Abramo. S3o Paulo, 2004.

NOGUEIRA, Marco Aur3lio. **As possibilidades da pol3tica: id3ias para a reforma democr3tica do Estado.** Rio de Janeiro: paz e terra, 1998.

NEVES, Delma Pessanha. **Agricultura Familiar: quest3es metodol3gicas XVI Encontro Nacional da Associaç3o PIPSA,** Belo Horizonte, 1992.

NETO, Ot3vio Cruz; MOREIRA, Marcelo Rasga; SUCENA, Luiz Fernando Mazzei. **Grupos focais e pesquisa social qualitativa: o debate orientado como t3cnica de investigaç3o.** Revista Ser Social 9. UNB. Bras3lia, 2001.

PATEMAN, Carole. **Participaç3o e teoria democr3tica.** Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1992.

PEREIRA, Luiz Carlos Bresser. **Sociedade civil: sua democratizaç3o para a reforma do Estado, in Sociedade e Estado em Transformaç3o.** S3o Paulo: Editora UNESP; Bras3lia:ENAP, 1999.

SOUSA, Janice Tirelli Ponte. **Reinvenções da utopia: a militância política de jovens nos anos 90.** São Paulo: Hacker Editores, 1999.

SPOSITO, Marília. **Algumas hipóteses sobre as relações entre movimentos sociais, juventude e educação.** 1999.

STROPASOLAS, Valmir Luiz. **O mundo rural no horizonte dos jovens.** Editora da UFSC. Florianópolis, 2006.

SCHENEIDER, Sérgio; TARTARUGA, Ivan G. Peyré. **Territoria y enfoque territorial: de las referencias cognitivas a los aportes aplicados al análisis de los procesos sociales rurales.** FLACSO, 2005.

TEDESCO, J. C. (org.) **Agricultura familiar: realidades e perspectivas.** EDIUPEF, 1999.

WANDERLEY, M. N. B. **A emergência de uma nova ruralidade nas sociedades modernas avançadas – o rural como espaço singular e ator coletivo.** *Estudos, sociedade e agricultura*, nº 15, out. 200, pp 87-145.

WOORMANN, E. **“Família, mulher e meio-ambiente no seringal”.** *Além dos territórios* (orgs. Niemeyer e Pietrafesa de Godoi), Campinas, Mercado de Letras, 1998.

Anexos

ROTEIRO DE DISCUSSÃO NO GRUPO FOCAL:

QUESTÃO CHAVE 01

QUAL O PERFIL DO GRUPO ?

- IDADE
- RELAÇÃO COM O TRABALHO
- RELAÇÃO COM O ESTUDO
- IDADE
- SEXO
- ESTADO CIVIL
- PARTICIPA DE ALGUM GRUPO / ORGANIZAÇÃO

QUESTAO CHAVE 02

O QUE E SER JOVEM ?

- O QUE DIFERENCIA UM JOVEM URBANO DO RURAL?
- QUAIS AS PRINCIPAIS CASRACTERÍSTICAS DOS JOVENS E DOS JOVENS RURAIS?
- QUAIS SÃO OS ESPACOS DE LAZER?
- O QUE CONSIDERA DE MAIS POSITIVO NO MUNICIPIO?
- O QUE IMAGINA ENCONTRAR FORA DELE?
- CASAR?

QUESTAO CHAVE 02

QUAL A PRINCIPAL RELAÇÃO DOS JOVENS COM A AGRICULTURA FAMILIAR (PERMANÊNCIA OU SAÍDA DO CAMPO)?

- SE SENTEM AGRICULTORES FAMILIARES?
- QUEREM PERMANECER NO CAMPO?
- QUEREM DAR CONTINUIDADE AO TRABALHO AGRICOLA?
- O QUE CHAMAM ATENÇÃO DOS QUE DESEJAM SAIR?

QUESTAO CHAVE 03

QUAIS OS PRINCIPAIS SONHOS, DESEJOS E PROJETOS DE VIDA JOVENS?

- QUAIS OS PRINCIPAIS PROJETOS DE VIDA?
- OS PROJETOS SÃO INDIVIDUAIS OU COLETIVOS?
- O QUE TÊ, FEITO PARA ALCANÇAR ESSES SONHOS?

Fotos



Foto 1 – Arquivo de Pesquisa



Foto 2 – Arquivo de Pesquisa



Foto 3 – Arquivo de Pesquisa



Foto 4 – Arquivo de Pesquisa



Foto 5 – Arquivo de Pesquisa



Foto 6 – Arquivo de Pesquisa